O ESTRANGEIRO - ALBERT CAMUS

LIVROS DO BRASIL - COLECÇÃO MINIATURA

Pequenas jóias Literárias

Dos Maiores Autores

ÚLTIMOs VOLUMES PUBLICADOS:

27. O Adolescente pOr ROMAIN ROLLAND
28. Apassionata pOr JAMES HILTON
29. A Revolta por ROMAIN ROLLANd
30. O Agente britânico pOr SOMERSET MAUGHAN
31. A Feira por ROMAIN RoLLAND
32. Também o Cisne morre por ALDoUS HuxLEY
33. Antoinette por RoMAIN RoLLAND
34. Episódio em Palmetto pOr ERSKINE CALDWELL
35. O Irmão pOr ROMAIN ROLLAND
36. O Potro Vermelho, por JoHN STEINsEcK
37. As Amigas, por RoMAIN RoLLAND
38. Mrs. Dalloway pOr VIRGINIA WOOLF
39. Sarça Ardente por RoMAIN RoLLAND
40. O Novo Dia pOr ROMAIN ROLLAND
41. O Velho E O Mar pOr ERNEST HEMINGWAY
42. O Homem que Via Passar os Comboios, por GEoRGEs SIMENon
43. A Velha Casa Sombria, por J. B. PRIEsTLeY
44. A Porta Estreita pOr ANDRÉ GIDE
45. Tradição pOr ANDRÉ MAUROIS
46. As Neves de Kilimanjaro pOr ERNEST HEMINGWAY
47. Uma Negrinha À Procura De Deus pOr G. BERNARD SHAW
48. O Estrangeiro pOr ALBERT CAMUS

Próximo Volume

49. Um Gosto e Seis Vinténs pOr SOMERSET MAUGHAM

ALBERT CAMUS

O ESTRANGEIRO

Título Original

L'Étranger

TraDução De ANTÓNIO QUADROS

EDIÇÃO Livros do Brasil

LISBOA

PRIMEIRA PARTE

I

HoJE, a mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo:

"Sua mãe falecida: Enterro amanhã. Sentidos pêsames".

Isto não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem.

O asilo de velhos fica em Marengo, a oitenta quilómetros de Argel. Tomo o autocarro das duas horas e chego lá à tarde. Assim, posso passar a noite a velar e estou de volta amanhã à noite.

pedi dois dias de folga ao meu chefe e, com um pretexto destes, ele não mos podia recusar. Mas não estava com um ar lá muito satisfeito.

Cheguei mesmo a dizer-lhe "A culpa não é minha". Não respondeu. Pensei então que não devia ter dito estas palavras. A verdade: é que eu não tinha que me desculpar: Ele é que tinha de me dar pêsames. Mas com certeza o fará, depois de amanhã, quando me vir de luto.   Por agora é um pouco como se a mãe não tivesse morrido. Depois do enterro, pelo contrário, será um caso arrumado e tudo passará a revestir-se de um ar mais oficial.

Tomei o autocarro às duas horas. Estava calor. Como de costume, almocei no restaurante do Celeste. Estavam todos com muita pena de mim, e o Celeste disse-me "Mãe, há só uma." Quando saí, acompanharam-me à porta. Estava um pouco atordoado e tive que ir a casa do Manuel para lhe pedir emprestados um fumo e uma gravata preta. O Manuel perdeu o tio, há meia dúzia de meses.

Tive que correr para não perder o autocarro. Esta pressa, esta correria, e talvez também os solavancos, o cheiro da gasolina, a luminosidade da estrada e do céù, tudo isto contribuiu para que eu adormecesse no caminho. Dormi quase todo o tempo. E quando acordei, estava apertado de encontro a um soldado, que me sorriu e me perguntou se eu vinha de longe.

Disse que sim, para não ter que voltar a falar.

O asilo distava dois quilómetros da aldeia. Fui a pé. Quis ver imediatamente a mãe. Mas a porteira disse-me que eu precisava, antes disso, de falar com o director. Como estava com pessoas, esperei ainda um pouco. Durante este tempo, o porteiro não parou de falar. Depois, o direCtor recebeu-me no seu gabinete. Um velhote, que tem a Legião de honra. Fitou-me com uns olhos muito claros. Depois apertou-me a mão durante tanto tempo, que já não sabia como havia de a tirar. Consultou um processo e disse-me: "A senhora sua mãe entrou para aqui há três anos. O senhor era o seu único amparo."

Julguei que me estava a fazer alguma censura e comecei a explicar-lhe, Mas ele interrompeu-me: "Não tem nada que se justificar, meu filho. Estive a ler o processo da sua mãe. O senhor não lhe podia suportar as despesas. Ela precisava de uma enfermeira. O seu ordenado é modesto. E, no fim de contas, aqui ela era feliz." Disse: "Sim, sr. Director". Acrescentou: "Sabe o senhor, aqui ela tinha amigos, pessoas da mesma idade.

Partilhava com eles motivos de interesse que são de um outro tempo. O Senhor é novo, e ao pé de si, ela aborrecia-se com certeza."

Era verdade. Quando estava lá em casa a mãe passava o tempo a seguir-me em silêncio com os olhos. Nos primeiros dias do asilo, chorava muitas vezes: Mas era por causa do hábito. Ao fim de alguns meses, choraria se a tirassem do asilo, ainda devido ao hábito. Foi um pouco por isto que, nu último ano quase não a fui visitar, E também porque a visita me tomava o domingo todo sem contar o esforço para ir para o autocarro comprar os bilhetes e fazer duas horas de viagem.

O director disse-me ainda mais coisas. Mas já quase não o ouvia. Em seguida perguntou-me: "Julgo que agora, quer ir ver a sua mãe?"

Levantei-me sem dizer nada e acompanhei-o até à porta.

Nas escadas, explicou-me: "Levámo-la para a nossa morgue particular. Para não impressionar os outros. Cada vez que

algum morre, os outros ficam nervosos durante dois ou três
dias, o que torna o serviço difícil".

Atravessámos um pátio onde havia muitos velhos, conversando
em grupos, uns com os outros. Ao passarmos, calavam-se.

E atrás de nós as conversas recomeçavam.
Dir-se-ia um papaguear atordoado de periquitos. À porta de uma
pequena construção, o director deixou-me.

" Deixo-o agora, senhor Meursault. Estou às ordens, no
escritório. Em princípio, o enterro estava marcado para as dez
horas da manhã. Pensámos que o Senhor podia assim passar a
noite a velar.

Uma última coisa: parece que a sua mãe exprimiu várias vezes
aos amigos o desejo de ter um enterro religioso.- Tomei à
minha conta este encargo. Mas queria pô-lo a par.

Agradeci-lhe. Embora sem ser ateia, enquanto viva a mãe
nunca pensara na religião: Entrei: Era uma sala muito clara,
caiada, e coberta por uma vidraça. Mobilavam-na algumas
cadeiras e cavaletes em forma de X. Dois deles, ao meio da
sala, suportavam um caixão coberto.

Viam-se apenas parafusos brilhantes, mal enterrados,
destacando-se da madeira pintada de casca de noz. Perto do
caixão estava uma enfermeira árabe, de bata branca, com um
lenço colorido na cabeça. Neste momento, o porteiro entrou por
detrás de mim. Devia ter corrido: Gaguejou.

"Fecharam-no, mas eu vou desaparafusá-lo, para que o senhor
a possa ver". Aproximava-se do caixão, quando eu o detive.

Disse-me: "Não quer?" Respondi: "Não". Calou-se e eu estava
embaraçado porque sentia que não devia ter dito isto. Ao fim
de uns momentos, ele olhou-me e perguntou: "Porquê?", mas sem
um ar de censura, como se pedisse uma informação. Eu disse:
"Não sei". Então, retorcendo os bigodes brancos, declarou sem
olhar para mim: "Compreendo". O homem tinha uns bonitos olhos
azuis claros e uma pele um pouco avermelhada. Deu-me uma
cadeira e sentou-se também, um pouco atrás de mim. A
enfermeira levantou-se e dirigiu-se para a porta. Neste
momento, o porteiro disse-me: "O que ela tem, é um cancro".
Não percebi o que ele dizia, até reparar que a enfermeira
trazia por debaixo dos olhos uma ligadura que dava a volta à
cabeça. No sítio do nariz, não se via nenhuma saliência.
Apenas a brancura do penso, sobre a cara.

Depois dela sair, o porteiro falou: "Vou deixá-lo sozinho". Não sei bem que gesto fiz, mas deixou-se ficar em pé, atrás de mim. Esta presença nas minhas costas incomodava-me. A sala estava cheia de uma bonita luz de fim de tarde. Dois besouros zumbiam, de encontro à vidraça. E eu sentia-me invadido pelo sono. Disse ao porteiro, sem me voltar para ele: "Está cá há muito tempo?" Ele respondeu imediatamente: "Cinco anos", como se estivesse desde sempre à espera da minha pergunta.

Em seguida, pôs-se a falar sem parar. Muito se teria espantado se alguém lhe houvesse dito, no seu tempo, que acabaria como porteiro de um asilo, em Marengo. Tinha sessenta e quatro anos e era parisiense. Neste momento interrompi-o: "Ah, o senhor não é daqui?" Depois lembrei-me de que, antes de me levar ao director, estivera a falar da minha mãe. Dissera-me que era preciso enterrá-la depressa, porque na planície fazia muito calor, sobretudo nesta terra. Fora então que me confiara ser de Paris e que dificilmente o esquecia. Em Paris fica-se com o morto, às vezes três ou quatro dias. Aqui não há tempo, mal nos habituámos à ideia e temos logo que correr atrás do carro funerário. A mulher dele dissera-lhe então: "Cala-te, não são coisas que se digam ao senhor". O velho corara e desculpara-se. Eu interviera para dizer: "Não, não..." Achava o que ele estava a dizer verdadeiro e interessante.

Na pequena morgue ELE confiou-me que entrara no asilo como indigente. Como se sentia ainda válido, oferecera-se para o lugar de porteiro. Observei que, no fim de contas, era também um pensionista. Disse-me que não. Tinha já reparado na forma como se referia a «eles», aos «outros», e mais raramente aos «velhos», falando de pensionistas, alguns dos quais não eram mais velhos do que ele. Mas não era a mesma coisa, evidentemente. Como era porteiro tinha direitos sobre os outros, em certa medida.

A enfermeira entrou nesta altura. A tarde caíra muito depressa. Muito depressa, a noite escurecera, por detrás da vidraça. O porteiro manejou o interruptor e eu fiquei por momentos cego pelo aparecimento súbito da luz. Convidou-me para ir jantar ao refeitório. Mas eu não tinha fome. Ofereceu-se, então, para me trazer uma chávena de café com leite. Como gosto muito de café com leite, aceitei, e ele

voltou alguns instantes depois com uma bandeja. Bebi. Tive
então vontade de fumar. Mas hesitei, porque não sabia se o
podia fazer diante da mãe. Pensei, e concluí que isso não
tinha importância nenhuma. Ofereci um cigarro ao porteiro e
fumámos os dois.

A certa altura, disse-me: "Não sei se sabia, mas os amigos
da senhora sua mãe vêm também velar. É o costume. Tenho que ir
buscar cadeiras e café." Perguntei-lhe se não se poderia
apagar uma das lâmpadas. O reflexo da luz nas paredes brancas
cansava-me. Respondeu-me que não era possível. A instalação
fora assim montada: ou tudo ou nada. A partir daí, não lhe
prestei muita atenção. Saiu, voltou, arrumou as cadeiras nos
seus lugares. Numa delas, empilhou as chávenas em volta de uma
cafeteira. Depois sentou-se em frente de mim, do outro lado da
mãe. A enfermeira estava ao fundo, de costas voltadas. Não via
o que ela estava a fazer. Mas, pelo movimento dos braços,
parecia-me que fazia malha.

A temperatura era agradável, o café confortára-me e pela
porta aberta, entrava um cheiro de noite e de flores. Creio
que adormeci por alguns instantes.

Acordei, porque alguém roçou por mim. Por ter fechado os
olhos, a sala pareceu-me ainda mais branca. Na minha frente
não havia uma única sombra e cada objecto, cada ângulo, todas
as curvas se desenhavam com uma pureza que me fazia mal aos
olhOs.

Foi nesse momento que entraram os amigos da minha mãe. Ao
todo, eram uns dez, e passavam em silêncio, nesta luz tão
crua. Sentaram-se sem que uma só cadeira rangesse. Eu via-os
como nunca vira ninguém até então e nem um pormenor das suas
caras ou dos seus fatos me escapava. Não os ouvia, no entanto,
e custava-me a acreditar que tivessem realidade. Quase todas
as mulheres usavam um avental e o cordão que as apertava na
cintura, mais lhes realçava a barriga inchada. Nunca havia
notado que as barrigas das mulheres velhas eram tão grandes.
Os homens eram quase todos muito negros e traziam bengalas. O

que me impressionava nas suas fisionomias, era que eu não lhes via os olhos, mas unicamente uma luz sem brilho no meio de um ninho de rugas. Quando se sentaram, a maioria deles olhou-me e abanou a cabeça embaraçadamente, os beiços comidos pelas bocas desdentadas, sem que tivesse percebido ao certo se me estavam a cumprimentar, ou se era apenas um tic. Julgo que me cumprimentavam. Foi nesse momento que reparei que estavam todos em frente de mim, balançando as cabeças, em volta do porteiro. Por instantes tive a impressão de que estavam ali para me julgar.

Pouco depois, uma das mulheres começou a chorar. Estava na segunda fila, escondida pelas outras, e eu não a via muito bem. Chorava dando pequenos gritos, regularmente: parecia-me que nunca mais pararia de chorar. Dava a ideia que os outros não ouviam. Estavam encolhidos, tristes e silenciosos. Olhavam o caixão, a bengala ou qualquer coisa, e não tiravam os olhos desse único objecto. A mulher continuava a chorar. Eu estava muito admirado porque não a conhecia. Gostaria de não a ouvir mais. Não o ousava dizer, porém. O porteiro debruçou-se sobre ela, falou-lhe, mas ela sacudiu a cabeça, disse qualquer coisa, e continuou a chorar com a mesma regularidade. O porteiro veio então para o meu lado. Sentou-se ao pé de mim. Ao fim de um longo momento, informou-me, sem me olhar: "Era muito amiga da senhora sua mãe. Diz que era a única amiga que tinha e que agora, fica sem ninguém".

Ficamos assim durante longos instantes. Os suspiros e soluços da mulher iam-se fazendo mais raros. Por fim, calou-se.

Eu já não tinha sono, mas estava cansado e doíam-me os rins. Era o silêncio de todas aquelas pessoas, que agora me era penoso. De tempos a tempos, ouvia apenas um ruído estranho e não conseguia compreender de que se tratava. Acabei por adivinhar que alguns dos velhos chupavam o interior das bochechas, deixando escapar estes barulhos esquisitos. Estavam tão absortos nos seus pensamentos, que nem davam por isso. Tinha mesmo a impressão de que esta morta, ali deitada, nada significava para eles. Mas creio agora que se tratava de uma impressão falsa.

Tomámos todos café, servido pelo porteiro. Em seguida, não sei mais nada. A noite passou. Lembro-me de que, a certa

altura, abri os olhos e reparei que os velhos dormiam dobrados sobre si mesmos, com excepção de um único que, de queixo encostado às costas das mãos, e com estas agarradas à bengala, me olhava fixamente, como se estivesse à espera de me ver acordar. Depois, voltei a adormecer. Acordei porque os rins me doíam cada vez mais. O dia surgia pouco a pouco através da vidraça. Logo a seguir, um dos velhos acordou e tossiu muito. Cuspia num grande lenço de quadrados e cada um dos escarros era como que um arranque.

Acordou os outros e o porteiro disse-lhes que se deviam ir embora.

Levantaram-se.

Esta vigília incómoda tinha-lhes dado às caras uma cor de cinza. À saída, e com grande espanto meu, vieram-me todos apertar a mão - como se esta noite em que não havíamos trocado uma só palavra, tivesse aumentado a nossa intimidade. Estava cansado. O porteiro levou-me ao quarto dele, e pude lavar-me e pentear-me. Voltei a tomar café com leite, que era óptimo. Quando saí, o dia estava completamente levantado.

Por cima das colinas que separam Marengo do mar, o céu estava cheio de tonalidades de vermelho. E o vento, que passava por cima delas, trazia um cheiro de sal. Era um bonito dia que se estava a preparar. Há muito tempo que não vinha ao campo e teria tido imenso prazer em passear, se não fosse a mãe. Mas pus-me à espera no pátio, debaixo de uma árvore. Respirava o odor da terra fresca e já não tinha sono. Pensei nos colegas do escritório. A esta hora levantavam-se para ir para o trabalho: para mim, era sempre a hora mais difícil. Pensei um pouco mais nestas coisas, mas um sino que tocava no interior dos edifícios distraiu-me.

Houve uma confusão de movimentos por detrás das janelas, e depois tudo se acalmou. O sol estava um pouco mais alto:

principiava a aquecer-me os pés. O porteiro atravessou o pátio e veio dizer que o director estava à minha espera. Fui ao escritório deste.

Mandou-me assinar vários documentos. Reparei que estava vestido de preto, com calças de fantasia.

Pegou no telefone e dirigiu-me a palavra: "Os empregados da agência funerária já cá estão. Vou-lhes dizer para fecharem o caixão. Quer ver a sua mãe pela última vez?" Disse que não. Baixando a voz, deu uma ordem pelo telefone:

"Bigeac, diga aos homens que podem ir".

Disse-me, em seguida, que assistiria ao enterro.. Agradeci-lhe: Sentou-se por detrás da secretária e cruzou as pernas. Informou-me que estaríamos sós, eu e ele, apenas com a presença da enfermeira de serviço. Em princípio, os pensionistas não deviam assistir aos enterros. Deixava-os apenas velar: "uma questão de humanidade", observou. Mas excepcionalmente, dera autorização para seguir o préstito a um velho amigo da minha mãe: "Tomás Perez". Aqui, o director sorriu. Disse-me: "Não sei se compreende, é um sentimento um pouco infantil. Mas ele e sua mãe andavam sempre juntos.

No asilo, metiam-se com eles e diziam ao Perez: "É a sua noiva".

Ele ria. Isto agradava-Lhes. E o caso é que a morte da sua mãe afectou-o muito. Achei melhor não Lhe recusar a autorização. Mas, a conselho do médico, ` proibi-lhe a velada de ontem".

Ficamos calados durante bastante tempo. O director levantou-se e olhou pela janela do escritório.

A certa altura observou: "Já chegou o padre de Marengo. Vem adiantado". Preveniu-me que são precisos pelo menos três quartos de hora para chegar á igreja, que fica mesmo na aldeia. Descemos.

Diante do edifício, estava o padre e dois acólitos.

Um deles segurava um turíbulo de incenso `e o padre abaixava-se para regular o comprimento da cadeia de prata. Quando chegámos, o padre levantou-se. Tratou-me por "meu filho" e disse-me algumas palavras. Entrou e eu segui-o.

Vi de relance que os parafusos do caixão estavam apertados e que havia na sala quatro homens vestidos de preto. Ao mesmo tempo, o director disse-me que o carro estava à espera na

estrada e ouvi o padre principiar as suas orações. A partir 21
20 confusão de movimentos por. detrás das janelas, e depois
tudo se acalmou. O sol estava um pouco mais alto: principiava
a aquecer-me os pés. O porteiro atravessou o pátio e veio
dizer que o director estava à minha espera. Fui ao escritório
deste. Mandou-me assinar vários documentos. Reparei que estava
vestido de preto, com calças de fantasia. Pegou no telefone e
dirigiu-me a palavra: "Os empregados da agência funerária já
cá estão. Vou-lhes dizer para fecharem o caixão. Q,uer ver a
sua mãe pela última vez?" Disse que não. Baixando a voz, deu
uma ordem pelo telefone: "Figeac, diga aos homens que podem
ir".

Disse-me, em seguida, que assistiria ao enterro.
Agradeci-lhe: Sentou-se por detrás da secretária e cruzou as
pernas. Informou-me de que estariamos sós, eu e ele, apenas
com a presença da enfermeira de serviço. E m princípio, os
pensionistas não deviam assistir aos enterros. Deixava-os
apenas velar: " uma questão de humanidade", observou. Mas
excepcionalmente, dera autorização para seguir o préstito a um
velho amigo da minha mãe: "Tomás Perez". Aqui, o dizector
sorriu. Disse-me: "Não sei se compreende, é um sentimento um
pouco infantil. Mas ele e a sua mãe andavam sempre juntos. No
asilo, metiam-se com eles e diziam ao Perez: "É a sua noiva".
Ele ria. Isto agradava-Lhes. E o caso é que a morte da sua mãe
afectou-o muito. Achei melhor não lhe recusar a autorização.
Mas, a conselho do médico, proibi-lhe a velada de ontem".

Ficamos calados durante bastante tempo. O director
levantou-se e olhou pela janela do escritório. A certa altura
observou: "Já chegou o padre de Marengo. Vem adiantado".
Preveniu-me que são precisos pelo menos três quartos de hora
para chegar à igreja, que fica mesmo na aldeia. Descemos.
Diante do edifício, estava o padre e dois acólitos. Um deles
segurava um turíbulo de incenso e o padre abaixava-se para
regular o comprimento da cadeia de prata. Quando chegámos, o
padre levantou-se. Tratou-me por "meu filho" e disse-me
algumas palavras. Entrou e eu segui-o.

Vi de relance que os parafusos do caixão estavam apertados e
que havia na sala quatro homens vestidos de preto. Ao mesmo
tempo, o director disse-me que o carro estava à espera na
estrada e ouvi o padre principiar as suas orações.

A partir deste momento, foi tudo muito rápido. Os homens dirigiram-se para o caixão. O padre, os dois acólitos, o director e eu, saímos. Diante da porta, havia uma senhora que eu não conhecia: "o Sr. Meursault", disse o director. Não escutei o nome da senhora e compreendi apenas que era enfermeira delegada. Sem um sorriso, inclinou uma cara ossuda e comprida. Depois, afastámo-nos para deixar passar o corpo. Seguimos os homens e saímos do asilo. Diante da porta, estava um carro comprido e reluzente. Ao pé do carro, estavam o mestre de cerimónias, homenzinho vestido com um traje ridículo, e um velho com um ar embaraçado. Percebi que era o Sr. Perez. Tinha um chapéu mole, de copa arredondada e abas largas (tirou-o da cabeça quando o caixão atravessou a porta), um fato cujas calças caíam sobre os sapatos e uma gravata preta, pequena demais, para a sua camisa com um grande colarinho branco. Os beiços tremiam-lhe, por debaixo de um nariz semeado de pontos negros. Os cabelos brancos, bastante finos, deixavam-lhe passar umas curiosas orelhas balouçantes e mal acabadas, cuja cor de um vermelho sanguíneo nesta cara tão pálida, me impressionou.

O mestre de cerimónias indicou-nos os nossos lugares. O padre ia à frente do carro. Em volta deste, os quatro homens. Atrás, o director e eu; fechando o cortejo, a enfermeira delegada e o Sr. Perez.

O céu estava já cheio de sol. Começava a pesar sobre a terra e o calor aumentava rapidamente: Não sei por que motivo esperámos tanto tempo antes de principiarmos a andar. Tinha calor, com o meu fato escuro. O velhinho que voltara a cobrir a cabeça, tirou outra vez o chapéu. Voltara-me um pouco para o lado dele e olhava-o, quando o director o trouxe à conversa. Disse-me que, muitas vezes, a minha mãe e o Sr. Perez iam passear à noite até à aldeia, acompanhados por uma enfermeira. Eu olhava os campos em meu redor. Através das linhas de ciprestes que levavam às colinas perto do céu, desta terra ruiva e verde, destas casas raras e bem desenhadas, eu compreendia a minha mãe. A noite, neste sítio, devia ser como que um melancólico período de tréguas.

Hoje, o sol excessivo que fazia estremecer a paisagem, tornava-a deprimente e inumana.

Iniciámos o caminho. Reparei então que o Sr. Perez coxeava

ligeiramente. Pouco a pouco, o carro ia mais depressa e o
velho perdia terreno: Um dos homens que rodeava o carro também
se deixou ultrapassar e seguia agora ao meu nível. Eu estava
admirado pela rapidês com que o sol subia no horizonte. Dei
por que o ar era há muito cruzado pelo canto dos insectos e
pelos estalidos das ervas. O suor caía-me pela cara abaixo.
Como não trazia chapéu, limpava-me com um lenço. O empregado
da agência disse-me então qualquer coisa que não ouvi.
Enquanto, com a mão esquerda, limpava a testa com um lenço,
com a mão direita levantava a pala do boné. Disse-lhe: "O
quê?" Ele repetiu, apontando para o céu: "Está forte". Eu
disse: "Sim". Pouco depois, perguntou-me: "É a sua mãe, quem
ali vai?" Voltei a dizer: "Sim". "Era muito velha?" Respondi:
"Assim, assim", porque não sabia ao certo quantos anos tinha.
O homem calou-se. Voltei-me e vi o velho Perez uns cinquenta
metros atrás de nós. Com o chapéu na mão, apressava-se o mais
que podia: Olhei também para o director. Andava com muita
dignidade, sem gestos inúteis. Algumas gotas de suor
escorriam-lhe pela testa, mas não as enxugava.

Parecia-me que o cortejo ia um pouco mais depressa. Em volta
de mim, era sempre a mesma paisagem luminosa, inundada de sol.
O brilho do céu era insustentável. Em dado momento, passámos
por um troço de estrada que havia sido arranjado há pouco. O
sol derretia o alcatrão. Os pés enterravam-se, deixando
aberta a carne luzidia do alcatrão. Por cima do carro, o
chapéu do cocheiro, de couro escuro, parecia ter sido moldado
na mesma lama negra. Sentia-me um pouco perdido entre o céu
azul e branco e a monotonia destas cores, negro pegajoso do
alcatrão aberto, negro baço dos fatos, negro lacado do carro.
Tudo isto, o sol, o cheiro de borracha e de óleo do automóvel,
o do verniz e o do incenso, o cansaço de uma noite de insónia,
me perturbava o olhar e as ideias. Voltei-me uma vez mais: o
velho Perez apareceu-me muito ao longe, perdido numa nuvem de
calor, e depois não o tornei a ver. Procurei-o com o olhar e
vi que abandonara a estrada e metera pelos campos dentro.
Reparei que, na minha frente, a estrada virava para um lado.
Compreendi que o Perez, conhecendo a terra, cortava a direito
para nos apanhar. Na curva, conseguira juntar-se connosco.

Em seguida voltámos a perdê-lo. Tomou ainda vários atalhos
através dos campos. Quanto a mim, sentia o sangue latejar-me

nas fontes.
Depois tudo se passou com tanta rapidês, tanta certeza, tanta naturalidade, que já não me lembro de nada. Uma coisa, apenas: à entrada da aldeia, a enfermeira delegada falou-me. Possuía uma voz singular, que não acertava com a cara, uma voz trémula e melodiosa. Disse-me: "Se vamos muito devagar, arriscamo-nos a uma insolação. Mas se vamos muito depressa, transpiramos e na igreja apanhamos calor e frio". Tinha razão. Era um beco sem saída. Conservei ainda algumas imagens deste dia: por exemplo, a cara do Perez quando, pela última vez, se juntou connosco próximo da aldeia. Grossas lágrimas de enervamento e de tristeza corriam-Lhe pela cara abaixo. Mas, por causa das rugas, não caíam. Dividiam-se, juntavam-se e formavam uma máscara de água nessa cara arruinada. Houve ainda a igreja e os aldeões nos passeios, os gerâneos vermelhos nos jazigos do cemitério, o desmaio do Perez (dir-se-ia um boneco partido), a terra cor de sangue que atiravam para cima do caixão da mãe, a carne branca das raizes que se lhes juntavam,

ainda mais gente, vozes, a aldeia, a espera diante de um café, o incessante roncar do motor, e a minha alegria quando o autocarro entrou no ninho de luzes de Argel e que pensei que me ia deitar e dormir durante doze horas.

II

Ao acordar, compreendi por que motivo o meu chefe mostrara um ar aborrecido quando lhe pedi os dois dias de licença: hoje era sábado. tinha-o, por assim dizer, esquecido, mas ao levantar-me, esta ideia viera-me à cabeça. O chefe, muito naturalmente, pensou que eu disporia assim de quatro dias de feriado contando com o domingo, e isso não Lhe podia dar prazer de espécie nenhuma. Mas por um lado não é culpa minha, se o enterro foi ontem em vez de ser hoje, e por outro lado, teria tido de qualquer maneira o sábado e o domingo livres. Isto não me impede, é claro, de compreender.

Custou-me a levantar, pois estava cansado do dia de ontem. Enquanto fazia a barba, perguntei a mim mesmo o que iria fazer e decidi ir tomar um banho de mar. Tomei um eléctrico e dirigi-me para o estabelecimento de banhos do porto. Uma vez aí, mergulhei para a água. Havia muitos rapazes e raparigas. Encontrei na água a Maria Cardona, uma antiga dactilógrafa do escritório, que eu desejara em tempos. Ela também, julgo eu. Mas despediu-se pouco depois e não tivemos tempo.

Ajudei-a a subir para uma bóia e, neste movimento, toquei-lhe nos seios. Estava eu ainda na água, e já ela se estendia na bóia de barriga para o ar.

Voltou-se para mim. Tinha os cabelos a caírem-lhe para os olhos e sorria. Subi para o lado dela.

Estava um dia óptimo e, como de brincadeira, deixei cair a cabeça para trás, e descancei-a em cima dela. Não disse nada e eu deixei-me ficar assim: Tinha o céu inteiro nos olhos, e o céu estava azul e dourado. Debaixo da cabeça, sentia o corpo de Maria latejar suavemente. Ficámos muito tempo na bóia, meio adormecidos. Quando o sol se tornou forte de mais, ela mergulhou e eu também. Agarrei-a, passei-lhe um braço em volta da cintura e nadámos os dois juntos. Ela ria muito.

No cais, enquanto nos secávamos, disse-me: "Estou mais queimada do que você". Perguntei-Lhe se queria vir comigo à noite ao cinema. Voltou a rir e disse que tinha vontade de ver um filme com o Fernandel. Depois de vestidos, ficou admirada de me ver com uma gravata preta e perguntou-me se eu estava de luto. Disse-lhe que a minha mãe tinha morrido. Como queria saber há quanto tempo, ,respondi-lhe: "Morreu ontem". Esboçou um movimento de recuo, mas não fez nenhuma observação. Tive vontade de lhe dizer que a culpa não fora minha, mas detive-me porque me pareceu já ter dito isso mesmo ao meu chefe. Isto nada queria dizer. De qualquer modo, fica-se sempre com um ar um pouco culpado.

À noite, Maria esquecera-se de tudo. O filme tinha momentos engraçados e outros realmente idiotas. Encostava a minha perna à dela. Acariciava-lhe os seios. Para o fim do espectáculo beijei-a, mas mal. À saída, veio a minha casa.

Quando acordei fora-se já embora. Explicara-me que tinha de ir visitar uma tia. Pensei que era domingo, o que me aborreceu: não gosto dos Domingos. Então voltel-me na cama,

procurei na almofada o cheiro de sal que os cabelos de Maria
ali tinham deixado e dormi até às dez horas: Fumei depois
alguns cigarros, sem me levantar, até ao meio-dia. Não queria
ir como de costume almoçar ao Celeste porque me fariam com
certeza perguntas e eu detesto que me façam perguntas. Cozi eu
próprio uns ovos e comi-os assim mesmo, sem pão porque já não
havia nenhum e porque não queria descer para o ir comprar.

Depois do almoço aborreci-me um pouco, e vagueei pela casa.
Quando a mãe cá estava, era cómoda. Agora é grande demais para
mim e tive que transportar a mesa da sala de jantar para o
quarto.

Vivo apenas nesta divisão, rodeado pelas cadeiras de palha
um pouco gastas, pelo armário cujo espelho está amarelecido,
pela cómoda e pela cama encerada. Mais tarde, para fazer
alguma coisa, peguei num velho jornal e pus-me a ler.

Recortei um anúncio de sais de Kruschen e colei-o num velho
caderno onde guardo as coisas que me divertem nos jornais.
Lavei também as mãos e, por fim, fui para a varanda.

O meu quarto dá para a rua principal do bairro. A tarde
estava bonita. No entanto, o pavimento estava pastoso, as
pessoas eram poucas e, para mais, iam com pressa. Passavam
primeiro famílias de passeio, dois miúdos de fato à marujo, ,
com calções até ao joelho, um pouco embaraçados nos seus
trajes de ver-a-Deus, uma rapariguinha com um grande laçarote
cor-de-rosa e sapatos pretos envernizados. Atrás deles, uma
mãe enorme, com um vestido de seda castanho, e o pai, um
homenzinho franzino que eu conheço de vista. Trazia um chapéu
de palha, um lacinho e uma bengala na mão. Vendo-o com a
mulher, percebi porque é que, no bairro, se dizia que era uma
pessoa distinta. Um pouco mais tarde, passaram rapazes do
bairro, cabelos penteados com fixador, gravata vermelha,
casaco muito cintado, com uma algibeira bordada e sapatos de
ponta quadrada. Pensei que iam a um dos cinemas da baixa.

Por isso é que partiam tão cedo, rindo tanto e correndo para
o eléctrico.

Depois deles, a rua ficou pouco a pouco deserta.

Os espectáculos, julgo eu, tinham principiado em toda a parte. Só se viam na rua os comerciantes e os gatos.

O céu estava puro, mas sem brilho, por cima das árvores ao longo da rua. No passeio da frente, o vendedor de tabaco tirou uma cadeira, instalou-a diante da porta e pôs-se a cavalo nela, com os dois braços nas costas. Os eléctricos, há pouco cheios, iam quase vasios. No pequeno café "Pierrot" ao lado da tabacaria, o criado varria a serradura na sala deserta. Era realmente domingo. Peguei na minha cadeira e coloquei-a como a do vendedor de tabaco porque me pareceu muito mais cómodo. Fumei dois cigarros, entrei para ir buscar um bocado de chocolate e voltei para o comer à janela. Pouco depois o céu escureceu e julguei que íamos ter uma chuvada de Verão. Pouco a pouco, no entanto, o céu foi-se descobrindo. Mas a passagem das nuvens deixara na rua como que uma promessa de chuva que a tornara mais sombria. Fiquei ali muito tempo, a olhar para o céu.

Às cinco horas, os eléctricos chegaram ruidosamente. Traziam do estádio cachos de espectadores pendurados nos degraus e nas pegas das portas.

Os eléctricos seguintes transportavam os jogadores, que reconheci pelas malinhas que traziam na mão. Gritavam e cantavam aos berros que o seu clube era o melhor. Muitos deles fizeram-me sinais. Um deles, gritou-me mesmo: "Demos cabo deles!" E, sacudindo a cabeça, eu disse: "Sim, sim". A partir deste momento, os automóveis começaram a afluir. O dia mudou ainda um pouco. Por cima dos tectos, o céu tornou-se avermelhado e, com o nascer da noite, as ruas ganharam animação. Os mesmos transeuntes foram voltando pouco a pouco. Reconheci o senhor distinto no meio dos outros. As crianças choravam ou deixavam-se arrastar: Quase imediatamente, os cinemas do bairro despejaram para a rua uma onda de espectadores. Entre eles, os rapazes de há pouco tinham gestos mais decididos do que o costume e eu calculei que haviam visto um filme de aventuras. Os que regressavam dos cinemas da cidade chegaram um pouco mais tarde. Pareciam mais sérios. Ainda riam, mas de tempos a tempos. Tinham um ar cansado e pensativo. Deixaram-se ficar na rua, dando de um lado para o outro no passeio do lado de lá. As raparigas do bairro, de

cabelos soltos, passeavam de braço dado. Os rapazes passavam por elas e dirigiam-lhes gracejos,

elas riam-se e voltavam a cabeça para o lado. Algumas, minhas conhecidas, acenaram-me com a mão.

Os candeeiros da rua acenderam-se bruscamente e empalideceram as primeiras estrelas que subiam na noite. Senti os olhos fatigados, de tanto olhar os passeios, com o seu carregamento de homens e de luzes. As lâmpadas tornaram os pavimentos luzidios, e os eléctricos, a interválos regulares, lançaram os seus reflexos sobre uns cabelos brilhantes, um sorriso ou uma pulseira de prata. Pouco depois, os eléctricos fizeram-se mais raros, a noite escureceu por sobre as árvores e os candeeiros, e o bairro esvasiou-se insensivelmente, até à altura em que o primeiro gato atravessou lentamente a rua outra vez deserta. Pensei então que era preciso jantar.
Doía-me um bocadinho o pescoço por ter ficado tanto tempo apoiado sobre as costas da cadeira. Fui à rua comprar pão e pastéis, cozinhei eu mesmo o que tinha em casa e comi em pé. Quis fumar outro cigarro à janela, mas o ar tinha refrescado e eu estava com um pouco de frio. Fechei os vidros e, à volta, vi no espelho um bocado da mesa onde a lâmpada de ÁlCool estava junto a uns pedaços de pão.

Pensei que passara mais um domingo, que a mãe já fora a enterrar, que ia regressar ao meu trabalho e que, no fim de contas, continuava tudo na mesma.

III

Hoje trabalhei muito, no escritório. O chefe foi amável. Perguntou-me se eu não estava cansado e quis saber a idade da

mãe. Para não me enganar, respondi "Uns sessenta e tal", e, não sei porquê, ficou com um ar aliviado, um ar de "assunto arrumado". Havia imensas cartas a responder, amontoadas sobre a minha secretária e tive que lhes dar seguimento. Antes de deixar o escritório para ir almoçar, lavei as mãos. Ao meio-dia, gosto sempre de o fazer, à tarde, não tanto, porque a toalha rolante já está muito húmida: serviu durante todo o dia.

Uma vez fiz esta mesma observação ao chefe. Respondeu-me que era aborrecido, mas que se tratava de um pormenor sem importância. Saí um pouco mais tarde, ao meio-dia e meia hora, com o Manuel, que trabalha na expedição. O escritório dá para o mar e perdemos alguns instantes a olhar para os barcos de carga, no porto ardente de sol. Neste momento passou um camião, fazendo um enorme barulho de correntes e de explosões. O Manuel perguntou-me "se aproveitávamos" e eu comecei a correr. O camião ultrapassou-nos e lançámo-nos a toda a velocidade atrás dele. Sentia-me inundado de poeira e de ruído. Não via nada e sentia apenas este impulso desordenado da corrida, no meio de guindastes e de máquinas, de mastros que dançavam no horizonte e de cascos de navios. Fui o primeiro a agarrar-me e atirei-me num salto. Depois, ajudei o Manuel a sentar-se. Estávamos sem fôlego, o camião ia aos saltos no pavimento irregular do cais, por entre a poeira e o sol. O Manuel ria-se a bandeiras despregadas.

Chegámos todos suados ao restaurante do Celeste, que lá estava como sempre, com a sua barriga gorda, o seu avental e os seus bigodes brancos. Perguntou-me "se eu me sentia bem".

Disse-Lhe que sim e que estava com fome. Comi muito depressa e tomei um café. Depois voltei para casa, dormi um bocado porque bebera vinho demais e, ao acordar, tive vontade de fumar. Fazia-se tarde e corri para apanhar um eléctrico. Trabalhei toda a tarde. Fazia muito calor no escritório e à tarde, à saída, gostei de passear lentamente ao longo do cais. O céu estava verde e eu sentia-me contente. Mas apesar disso fui

directamente para casa, pois queria cozer umas batatas.

Ao subir, na escada escura, choquei com o velho Salamano, meu vizinho de andar. Ia com o cão. Há oito anos que não se largam. O rafeiro tem uma doença de pele que lhe fez cair todo o pêlo e que o cobre de manchas e de crostas. À força de viver com ele, os dois sozinhos num pequeno quarto, o velho Salamano acabou por ficar parecido com o cão. Quanto ao cão, tomou do dono uma espécie de ar curvado, focinho para a frente e pescoço estendido. Parecem da mesma raça, e no entanto detestam-se. Duas vezes por dia, às onze e às seis horas, o velho leva o cão a passear. Fazem há oito anos o mesmo itinerário.

Seguem ao longo da rua de Lyon, o cão a puxar pelo homem até o fazer tropeçar. Põe-se então a bater no bicho e a insultá-lo. O cão roja-se cheio de medo e deixa-se arrastar. Nesse momento é o velho quem tem que puxar. Quando o cão se esquece, põe-se outra vez a puxar e é outra vez espancado e insultado. Ficam então os dois no passeio e olham-se, o cão com terror, o homem com ódio. É assim todos os dias. Quando o cão quer fazer as suas necessidades, o velho não lhe dá tempo e arrasta-o: Se por acaso o cão "faz" no quarto, também lhe bate. Isto dura há oito anos. O Celeste diz que "é uma pena", mas no fundo ninguém pode saber. Quando encontrei o Salamano nas escadas, ia a insultar o cão: "Bandido! Cão nojento!" Eu disse: "Boas noites", mas o velho continuava a insultá-lo: Perguntei-lhe o que é que o cão tinha feito. Não me respondeu. Dizia apenas: "Bandido! Cão nojento!". Percebi que, debruçado sobre o animal, estava a arranjar qualquer coisa na coleira. Falei mais alto. Então, sem se voltar para trás, respondeu-me com uma espécie de raiva reprimida: "Está sempre aqui!". Depois foi-se embora puxando pelo cão, que chorava e se deixava arrastar.

Neste instante preciso, entrou o meu segundo vizinho de andar. No bairro, corre o boato que vive à custa das mulheres. Mas quando lhe perguntam qual é o emprego que tem, responde que é "lojista". Em geral, não gostam dele. Mas fala muitas vezes comigo e às vezes entra em minha casa, porque sou dos poucos que o escutam. Acho que diz coisas com muito interesse. Aliás, não tenho nenhum motivo para não lhe falar. Chama-se Raimundo Sintès. É baixo, com uns ombros largos e um nariz de

pugilista. Anda sempre vestido muito correctamente. Também ele diz, ao falar do Salamano: "uma pena!" Perguntou-me se aquilo não me incomodava e eu respondi-lhe que não.

Subimos e eu ia deixá-lo, quando me disse: "Tenho lá em casa vinho e chouriço. Não quer vir petiscá-lo comigo?" Pensei que isso me evitaria ter que fazer o jantar e aceitei. A casa dele compõe-se apenas de um quarto e de uma cozinha sem janela. Por cima da cama, vêem-se um anjo de estuque, branco e cor-de-rosa, retratos de campeões e duas ou três fotografias de mulheres nuas. O quarto estava sujo. e a cama por fazer. Primeiro, acendeu a lâmpada de petróleo, depois colocou na mão díreita uma ligadura pouco límpa.

Perguntei-Lhe o que é que tinha na mão. Respondeu-me que jogara à pancada na rua com um tipo que se metera com ele.

- "Não sei se sabe, senhor Meursault, disse, não é que eu seja mau, o que sou é nervoso. O outro disse-me: "Se és homem, desce do eléctrico". Respondi-lhe: "Vá, socega, tem calma". Disse-me que eu não era um homem. Então desci e disse-Lhe: "É melhor que te cales, ou parto-te a cara". Respondeu-me: "Sempre queria ver". Então dei-lhe um soco. Caiu. Quando eu o ia a ajudar a levantar, começou do chão a dar-me pontapés. Então dei-Lhe uma joelhada e dois "bicanços". Tinha a cara cheia de sangue. Perguntei-Lhe se queria mais. Disse que não."

Entretanto, Sintès ia enrolando a ligadura. Eu estava sentado na cama. Disse-me: "Como vê, não fui eu que comecei. Ele é que quis". Reconheci que era verdade. Declarou-me então que, justamente, queria pedir-me um conselho a propósito deste assunto, que eu sim, era um homem, que conhecia a vida, que podia ajudá-lo e que, em seguida, ficaria meu amigo. Não respondi e ele perguntou-me se eu queria ser amigo dele. - Repliquei que tanto me fazia: ele ficou com um ar contente. Tirou o chouriço de um armário, assou-o no fogão, e pôs em cima da mesa copos, pratos, talheres e duas garrafas de vinho. Tudo isto sem dizer uma palavra. Depois instalámo-nos. Enquanto comia, começou a contar-me a história toda. Ao princípio, hesitava um bocadinho. "Conheci uma senhora... Essa senhora... era minha... amante, por assim dizer..." O homem com quem lutara era irmão dessa mulher. Disse-me que a tivera por sua conta. Não respondi nada, mas ele sentiu-se na necessidade de acrescentar imediatamente que sabia muito bem

os boatos que corriam no bairro, mas que só respondia perante a sua consciência, e que tinha a profissão de lojista.
"Voltando ao assunto, disse ele, a certa altura percebi que qualquer coisa não jogava certo". Dava-lhe dinheiro suficiente para viver. Pagava-lhe mesmo o quarto e ainda vinte francos por dia para alimentação. "Trezentos francos para o quarto, seiscentos francos para a comida, um par de meias de vez em quando, eram bem uns mil francos por mês." E Sua Excelência não trabalhava!

44 45

Mas dizia-me que era pouco, que o que eu lhe dava não era suficiente. E no entanto, eu dizia-lhe: "Porque é que não arranjas um trabalho, nem que seja por meio dia? Já me aliviavas um bocado. Este mês comprei-te um vestido, dou-te vinte francos por dia, pago-te a renda e tu, passas as tardes a tomar café com as amigas. Dás-lhes o café e o açúcar. Portei-me bem contigo e tu não me pagas na mesma moeda". Mas ela não trabalhava, dizia que não era capaz e foi assim que percebi que me andava a enganar."
Contou-me que lhe encontrara dentro da carteira um bilhete de lotaria e que ela não soubera explicar como arranjara dinheiro para o comprar. Mais tarde, encontrara-lhe uma senha de casa de penhores, provando que empenhara duas pulseiras. Até aí, ignorara a existência dessas pulseiras. "Percebi perfeitamente que aqui andava gato. Então abandonei-a. Mas primeiro cheguei-lhe. E disse-lhe meia dúzia de verdades. Disse-Lhe que o que ela queria, era divertir-se. E disse-Lhe também, sr. Meursault:

"Não vês que todos têm inveja da felicidade que te dou? Ainda acabarás por ter saudades da felicidade que tinhas..."
Espancara-a até a deixar cheia de sangue. Antes disso, não lhe batia. "Ou por outra batia-lhe, mas ternamente,

46

por assim dizer. Chorava um bocadinho. Eu fechava as persianas e o caso terminava como sempre. Mas agora, foi a sério. E quanto a mim, ainda não a castiguei bastante".

Explicou-me nesta altura que era por isto que precisava de um conselho. Calou-se para regular a torcida do candeeiro. Eu, -continuava a ouvi-lo. Bebera quase um litro de vinho e sentia muito calor nas fontes. Como os meus se haviam acabado, fumava os cigarros do Raimundo. Passavam na rua os últimos elétricos, levando com eles os ruídos agora longínquos do bairro. Raimundo continuou a falar. O que o aborrecia, "era ainda sentir necessidade física dela". Mas queria castigá-la. Primeiro pensara levá-la para um hotel e chamar a polícia de costumes para provocar um escândalo e ser-lhe passada uma carta de profissional. Depois, dirigira-se a uns amigos que pertenciam a um meio duvidoso. Estes não tinham tido nenhuma ideia. E, como me sublinhava Raimundo, valia realmente a pena serem desse meio, para nem ideias terem! Dissera-lhes isso mesmo e eles tinham-lhe então proposto "marcá-la". Mas não era ainda o que ele queria. Precisava de pensar muito. Mas antes, queria perguntar-me uma coisa.

De resto, antes de mo perguntar, queria saber o que eu pensava desta história toda. Respondi que não pensava nada, mas que era muito interessante. Perguntou-me se eu achava que ela o tinha enganado. A mim, parecia-me bem que sim. Se achava que ele a devia castigar e o que faria eu, se estivesse no seu lugar. Disse-lhe que nunca se podia saber, mas compreendia que ele a quisesse castigar. Bebi ainda um pouco de vinho. Ele acendeu um cigarro e contou-me a ideia que tinha em mente. Queria escrever-lhe uma carta "dando uma no cravo e outra na ferradura". Depois, quando ela voltasse, teria relações com ela, como habitualmente e, "mesmo no fim", cuspir-lhe-ia na cara, e pô-la-ia na rua. Achei que, efectivamente, seria um bom castigo. Em seguida disse-me que não se sentia capaz de escrever a carta e que pensara em mim para a redigir. Como eu não dizia nada, perguntou-me se me importava de o fazer agora mesmo e eu respondi que não.

Depois de beber um copo de vinho, Raimundo levantou-se. Afastou os pratos e os restos de chouriço frio que tínhamos deixado. Limpou cuidadosamente a toalha encerada da mesa. Tirou de uma gaveta da mesa de cabeceira uma folha de papel quadriculado, um sobrescrito amarelo, uma pequena caneta vermelha e um tinteiro quadrado de tinta roxa. Quando me disse o nome da mulher, percebi que era Moura. Escrevi a carta.

Escrevi-a um pouco ao acaso, mas apliquei-me o mais possível
para contentar Raimundo, pois não tinha razão nenhuma para não
o contentar. Depois li a carta em voz alta.

Escutou-me a fumar, acenando com a cabeça, e em seguida
pediu-me para a reler. Disse: "Já calculava que tu conhecias
bem a vida". Não percebi a princípio que me estava a tratar
por tu. Só dei por isso, quando me declarou: "Agora, ficas meu
amigo". Repetiu a frase e eu respondi: "Está bem".

Era-me indiferente ser ou não amigo dele e, como isso
parecia dar-lhe gosto... Fechou o sobrescrito e acabámos o
vinho que ainda havia. Depois ficámos uns momentos a fumar,
sem dizer uma palavra. Lá fora tudo estava calmo e ouvimos o
ruído de um automóvel que passava. Eu disse: "É tarde".

Raimundo era da mesma opinião. Observou que o tempo passava
depressa e, em certo sentido, era verdade. Estava com sono,
mas custava-me levantar-me. Devia estar com um ar cansado,
porque o Raimundo me disse que devia ter mão em mim.

Ao princípio, não compreendi. Explicou-me então que soubera da
morte da minha mãe, mas que era uma coisa que, mais dia menos
dia, tinha que acontecer. Era essa, também, a minha opinião.

Levantei-me e Raimundo deu-me um forte aperto de mão,
dizendo que entre homens, compreendíamo-nos sempre. Ao sair de
casa dele fechei a porta e fiquei uns instantes às escuras, no
patamar. A casa estava calma e das profundezas da gaiola das
escadas, subia um sopro húmido e obscuro. Ouvia apenas o
sangue latejando-me nos ouvidos e deixei-me ali ficar, imóvel.
Mas no quarto do velho Salamano, o cão gemeu surdamente. No
coração desta casa cheia de sonos, o queixume subiu
lentamente, como uma flor nascida do silêncio.

IV

TRABALHEI muito, durante toda a semana.

Raimundo veio visitar-me, dizendo que mandara a carta. Fui
duas vezes ao cinema com o Manuel, que nem sempre compreende

lá muito bem o que se passa na tela. Preciso de lhe ir
explicando o filme. Ontem foi sábado e, como ficara combinado,
a Maria veio a minha casa. Desejei-a intensamente, porque
trazia um vestido às riscas brancas e encarnadas e sandálias
de couro. Adivinhavam-se-lhe os seios duros e o queimado do
sol dava-lhe uma cara de flor.

Tomámos um autocarro e fomos para uma praia cercada de
rochedos e com canteiros de rosas do lado da terra, a alguns
quilómetros de Argel. O sol às quatro horas não estava quente
demais, mas a água estava morna, com pequenas ondas longas e
preguiçosas. Maria ensinou-me um jogo. Era preciso, nadando,
beber à cresta das ondas, acumular toda a espuma na boca e,
pondo-nos em seguida de costas, projectá-la para o céu. Isto
fazia uma espécie de renda espumosa que desaparecia no ar ou,
como uma chuva quente, nos caía na cara. Mas ao fim de algum
tempo, tinha a boca a arder devido ao sal. Maria veio então
ter comigo e colou-se a mim, na água. Beijámo-nos. A língua
dela refrescava-me os beiços e rolámos durante alguns momentos
nas vagas.

Quando nos vestimos na praia, Maria olhava-me com olhos
brilhantes. Voltei a beijá-la. A partir daí, não falámos mais.
Apertei-a contra mim e só queríamos apanhar depressa um
autocarro, ir para minha casa e deitarmo-nos na minha cama.
Deixei a janela aberta, e era bom, sentir aquela noite de
verão escorregar ao longo dos nossos corpos morenos.

Esta manhã, María ficou comigo e combinámos almoçar juntos.
Desci à rua para ir comprar carne. Ao voltar, ouvi uma voz de
mulher no quarto de Raimundo. Pouco depois, o velho Salamano
ralhou com o cão, ouvimos um barulho de botas e de patas nos
degraus de madeira da escada e depois: "Bandido, cão nojento",
saíram para a rua. Contei-lhe a história do velho e ela
riu-se. Vestira um dos meus pijamas e estava de mangas
arregaçadas. Quando se riu, voltei a sentir desejo por ela.
Instantes depois, perguntou-me se eu a amava. Respondi-Lhe que
não queria dizer nada, mas que me parecia que não: Ficou com
um ar triste. Mas, ao preparar o almoço, e sem que viesse a
propósito, voltou a rir-se de tal forma, que a beijei outra
vez. Foi neste momento que rebentou a discussão em casa do
Raimundo.

Ouviu-se primeiro uma voz estridente de mulher e depois a de

Raimundo, dizendo: "Enganaste-me, enganaste-me. Agora é que eu te vou ensinar..."

Uns ruídos surdos e a mulher pôs-se a berrar, mas de uma maneira tão horrível, que o átrio se encheu de gente. A mulher continuava a gritar e Raimundo continuava a bater-lhe. Maria disse-me que era terrível e eu não respondi.

Pediu-me para ir chamar um polícia, mas eu respondi-lhe que não gostava dos polícias. Mas o meu vizinho do segundo andar, que é canalizador, encarregou-se de ir buscar um. Este bateu à porta de Raimundo e não se ouviu mais nada. Bateu com mais força e, ao fim de alguns instantes, a mulher chorou e Raimundo abriu. Tinha um cigarro na boca e um ar melífluo. A mulher precipitou-se para a porta e declarou ao polícia que Raimundo lhe tinha batido. "O teu nome", disse o polícia. Raimundo respondeu-lhe. "Tira o cigarro da boca enquanto me estás a falar", disse o polícia. Raimundo hesitou, olhou para mim e ficou com o cigarro na boca. Neste momento, o polícia deu-lhe uma bofetada com toda a força, em plena cara. O cigarro foi cair alguns metros mais adiante. Raimundo mudou de expressão, mas não disse nada, até que perguntou com uma voz humilde se podia ir apanhar o cigarro. O agente declarou que sim e acrescentou: "Mas ficas a saber que um polícia, não é nenhum fantoche". Entretanto a rapariga chorava, repetindo: "Ele bateu-me, é um malandro". "Sr. Guarda, perguntou, Raimundo então, é da lei, chamar malandro a um homem?"

Mas o polícia mandou-Lhe que "calasse o bico".

Raimundo voltou-se para a mulher e disse: "Não perdes pela demora, pequena, está descansada." O polícia disse-lhe que se calasse, que a mulher tinha que se ir embora e que ele ficasse no quarto até receber convocação do comissariado. Acrescentou que Raimundo devia ter vergonha de estar bêbedo ao ponto de todo ele tremer. Raimundo explicou: "Não estou bêbedo, sr. guarda. Mas diante de si, não posso deixar de tremer". Fechou a porta e todos se foram embora. Maria e eu acabámos de preparar o nosso almoço. Como ela não estava com fome, comi quase tudo. Saiu à uma hora e ainda dormi um bocado.

Pelas três horas bateram à porta e Raimundo entrou. Deixei-me ficar deitado. Sentou-se na borda da cama. Ficou uns instantes sem falar e eu perguntei-lhe como é que o caso se tinha passado. Contou-me que fizera o que fora planeado, mas

que ela Lhe dera uma bofetada e que então começara a
bater-lhe. Quanto ao resto, eu tinha-o visto com os meus
próprios olhos. Disse-Lhe que me parecia que, agora que ela
estava castigada, já podia estar contente.

Era também a opinião dele, e observou ainda que, por mais que
a polícia fizesse, já ninguém Lhe tirava a pancada que
recebera. Acrescentou que conhecia os polícias e sabia
perfeitamente como se deve lidar com eles. Perguntou-me então
se eu julgara que ele ia responder à bofetada do polícia.
Respondi-lhe que não julgara absolutamente nada e que, aliás,
não gostava dos polícias. Raimundo pareceù ficar muito
contente. Perguntou-me se queria sair com ele. Levantei-me e
comecei-me a pentear. Disse que era preciso que eu servisse de
testemunha. A mim, tanto se me dava, mas não sabia o que havia
de dizer. Na opinião de Raimundo, bastava declarar que a
mulher o enganara. Aceitei ser testemunha.

Saímos e Raimundo ofereceu-me um copo de aguardente. Depois
quis jogar uma partida de bilhar e ganhou-me por pouco. A
seguir, queria ir a um bordel, mas eu disse que não, porque
não tinha vontade. Então voltámos lentamente para casa e ele
voltou a dizer até que ponto se sentia contente por ter
conseguido castigar a amante. Achei-o muito simpático comigo e
pensei que era um momento bem agradável.

Distingui ao longe, na soleira da porta, o velho Salamano
com um ar agitado. Quando nos aproximámos, reparei que não
estava com o cão. Olhava para todos os lados, dava voltas
sobre si mesmo, tentava penetrar com os olhos na escuridão do
corredor, resmungava palavras sem nexo e recomeçava a observar
a rua com os seus pequenos olhos avermelhados. Quando Raimundo
lhe perguntou o que se passava, não respondeu logo a seguir.
Ouvi-o vagamente murmurar: "Bandido, cão nojento", e continuou
a agitar-se. Perguntei-lhe onde estava o cão. Respondeu-me
bruscamente que se fora embora. E depois, de repente, pôs-se a
falar muito: "Levei-o como de costume ao Campo das Manobras.
Em volta das barracas da feira, havia muita gente. Parei um
bocado para olhar «o Rei da Evasão». E quando me quis ir
embora, não o vi. Há muito tempo que lhe queria comprar uma
coleira mais pequena. Mas nunca pensei que esse cão nojento
fugisse desta maneira".

Raimundo explicou-lhe então que o cão possivelmente se

perdera e que havia de voltar. Citou-lhe vários exemplos de cães que tinham percorrido dezenas de quilómetros para encontrar os donos. Apesar disso, o velho estava cada vez mais agitado.

"Vão apanhá-lo, com certeza. Ainda, se alguém o recolhesse... Mas não! Com aquelas feridas, enoja toda a gente. A carroça leva-o, tenho a certeza". Eu disse-lhe então que se dirigisse à Câmara e que lho devolviam, caso pagasse o imposto. Perguntou-me se este imposto era muito caro: Eu não sabia. Neste momento, encolerizou-se: "Dar dinheiro por aquele cão nojento?! Ele que rebente para aí!" E pôs-se a insultá-lo. Raimundo riu e entrou em casa. Segui-o, e despedimo-nos à porta dos nossos quartos. Pouco depois ouvi os passos do velho e bateram à porta. Fui abrir e ele ficou uns instantes a olhar para mim. Disse:

- "Desculpe, desculpe". Convidei-o a entrar, mas ele não quis. Olhava para as pontas dos pés e tremiam-lhe as mãos. Olhando para o lado, perguntou: "Não o vão apanhar, pois não, sr. Meursault? Vão-mo dar outra vez, não vão? O que vai ser de mim?! O que vai ser de mim?!" Disse-lhe que os cães ficavam durante três dias na câmara à disposição dos donos e que, depois disso, lhes davam o destino que melhor lhes parecia. Olhou para mim sem dizer uma palavra. Depois, disse: "Boas noites". Fechou a porta e ouvi-o andar de um lado para o outro. A cama dele rangeu. E, pelo estranho barulho que me chegava através da parede, compreendi que estava a chorar. Não sei porquê, pensei na minha mãe. Mas no dia seguinte, precisava de me levantar cedo. Não tinha fome e deitei-me sem jantar.

V

RAIMUNDO telefonou-me para o escritório. Disse-me que um amigo dele, a quem falara de mim, me convidava para passar o domingo numa casa que tinha perto de Argel. Respondi que

gostaria de ir, mas que já combinara passar o domingo com uma amiga. Raimundo declarou imediatamente que também a convidava. A mulher do amigo ficaria, até, muito contente por não ser a única no meio de um grupo de homens.

Quis desligar imediatamente, pois sei que o chefe não gosta que estejamos ao telefone. Mas Raimundo pediu-me para esperar e disse que me poderia ter transmitido o convite à noite,

mas me queria avisar de outra coisa. Fora seguido durante todo o dia por um grupo de Árabes entre os quais estava o irmão da sua antiga amante. "Se os vires esta noite perto da nossa casa, avisa-me". Respondi que estava combinado.

Pouco depois o chefe mandou-me chamar e fiquei aborrecido porque pensei que me ia dizer para telefonar menos e trabalhar mais. Não era nada disso. Declarou que me ia falar num projecto ainda muito vago. Queria apenas saber a minha opinião sobre o assunto. Tencionava instalar um escritório em Paris, para tratar directamente com as grandes companhias e perguntou-me se eu estava disposto a ir. Poderia assim viver em Paris e viajar durante parte do ano. "Você ainda é novo e creio que essa vída lhe agradaria". Disse que sim, mas que no fundo me era indiferente. Perguntou-me depois se eu não gostava de uma mudança de vida. Respondi que nunca se muda de vida, que em todos os casos, todas as vidas se equivaliam e que a minha, aqui, não me desagradava. Mostrou um ar descontente, disse que eu respondia sempre à margem das questões, e que não tinha ambição, o que para os negócios era desastroso. Voltei para o meu trabalho. Teria preferido não o descontentar, mas não via razão nenhuma para modificar a minha vida. Pensando bem, não era infeliz. Quando era estudante, alimentara muitas ambições desse género. Mas quando abandonei os estudos, compreendi muito depressa que essas coisas não tinham verdadeira importância.

Maria veio buscar-me à noite e perguntou-me se eu queria casar com ela. Respondi que tanto me fazia, mas que se ela de facto queria casar, estava bem. Quis então saber se eu gostava dela. Respondi, como aliás respondera já uma vez, que isso nada queria dizer, mas que julgava não a amar. "Nesse caso, porquê casar comigo?", disse ela. Respondi que isso não tinha importância e que, se ela quisesse, nos podíamos casar. Era ela, aliás, quem o perguntava, e eu contentava-me em dizer que

sim. Maria observou então que o casamento era uma coisa muito séria. Respondi: "Não". Maria calou-se durante uns instantes e olhou-me em silêncio. Depois, falou. Queria simplesmente saber se, vinda de outra mulher com a qual estivesse relacionado do mesmo modo, eu teria aceite uma proposta semelhante.

Respondi: "Possivelmente". Perguntou então de si para si se gostaria de mim, mas, sobre esse ponto, como poderia eu saber alguma coisa? Depois de mais uns instantes de silêncio, murmurou que eu era uma pessoa estranha, que gostava de mim se calhar por isso mesmo, mas que um dia, pelos mesmos motivos, era capaz de passar aos sentimentos contrários. Como eu me calasse, por não ter nada a acrescentar, tomou-me o braço a sorrir e declarou que queria casar comigo. Respondi que sim, logo que ela quisesse. Falei-lhe então na proposta do chefe e Maria disse-me que gostaria de conhecer Paris. Contei-lhe que lá vivera durante algum tempo e ela perguntou-me como era a cidade. Respondi: "suja. Há pombas e pátios escuros. As pessoas têm a pele muito branca".

Depois passeámos, escolhendo as grandes ruas. As mulheres eram bonitas e perguntei a Maria se ela achava o mesmo. Disse que sim, e que me compreendia. Depois calámo-nos. Queria no entanto que ela ficasse comigo e disse-lhe que poderíamos jantar juntos no Celeste. Maria replicou que gostaria muito, mas tinha que fazer. Estávamos ao pé da minha casa e eu disse-lhe adeus. Ela olhou para mim: "Não queres saber o que é que tenho que fazer?" Eu queria, mas não me lembrara de lho perguntar e era por isso que estava com um ar de censura. Diante do meu ar embaraçado, voltou então a rir e, para me estender a boca, teve para mim um movimento de todo o corpo.

Jantei no restaurante do Celeste. Começara já a comer, quando entrou uma mulherzinha esquisita e veio perguntar se podia sentar-se à minha mesa. Porque não havia de poder? Fazia gestos bruscos e tinha uns olhos brilhantes, inseridos numa pequena cara de maçã. Tirou o casaco, sentou-se e consultou febrilmente a lista. Chamou o Celeste e pediu imediatamente os pratos que queria, com uma voz ao mesmo tempo precisa e precipitada. Enquanto esperava os acepipes, abriu a carteira, tirou um pequeno quadrado de papel e um lápis, fez a conta ao que tinha que pagar, e depois tirou do porta-moedas, acrescentando-lhe a gorgeta, a quantia exacta. Colocou-a

diante dela. Nesse momento levaram-lhe os acepipes, que enguliu a toda a velocidade. Enquanto esperava o prato seguinte tirou ainda da carteira um lápis azul e uma revista que dava os programas radiofónicos da semana.

Com o maior cuidado, sublinhou um a um quase todos os programas. Como a revista tinha umas doze páginas, continuou este trabalho metodicamente durante toda a refeição. Já eu acabara de comer, e ainda ela estava a sublinhar, sempre com a mesma aplicação. Depois levantou-se, vestiu o casaco com os mesmos gestos precisos de autómato e saiu. Como não tinha nada que fazer, também saí e segui-a durante uns momentos. Colocou-se à beira do passeio e, com uma segurança e uma rapidês incríveis, seguia o seu caminho sem se desviar e sem olhar para os lados. Acabei por perdê-la de vista e por voltar para trás. Achei que era uma mulher estranha, mas depressa a esqueci.

À porta de casa, encontrei o velho Salamano. Disse-lhe para entrar e ele informou-me que o cão se perdera, pois não estava na Câmara. Os empregados haviam-lhe dito que fora, talvez, atropelado. Perguntara se não era possível sabê-lo nos comissariados da polícia. Tinham-Lhe respondido que eles não tomavam nota de coisas como essas, pois aconteciam todos os dias. Disse ao velho Salamano que podia arranjar outro cão,

mas ele respondeu-me com toda a razão aliás, que estava habituado àquele.

Eu estava estendido na cama e Salamano sentara-se numa cadeira em frente da mesa. Estava voltado para mim e tinha as mãos em cima dos joelhos. Conservara o velho chapéu na cabeça: Sob o bigode amarelecido, mastigava frases que depois não acabava. Massava-me um bocado, mas como não tinha nada que fazer e não estava com sono, não me importei. Para dizer alguma coisa, fiz-Lhe perguntas sobre o cão. Disse-me que o arranjara depois da morte da mulher. Casara-se bastante tarde. Na sua mocidade, tivera vontade de entrar para o teatro: na tropa, representara em várias récitas militares. Mas acabara

por entrar para os caminhos de ferro e não estava arrependido, pois agora davam-Lhe uma pequena reforma. Não fora feliz com a mulher, mas, por fim, habituara-se a ela. Quando esta morrera, sentira-se muito só: Pedira então a um colega do escritório para lhe dar um cão, e fora-Lhe oferecido este, quase recém-nascido. Tivera que o alimentar a biberão. Mas como o cão vive menos do que o homem, tinham acabado por envelhecer juntos.

"Tinha mau feitio, Disse Salamano. De tempos a tempos zangávamo-nos. Mas apesar disso, era um bom cão". Disse que o cão devia ser de boa raça, e Salamano ficou com um ar contente. "E para mais, acrescentou, não o conheceu antes da doença. Não havia pêlo mais bonito do que o dele". Todas as noites e todas as manhãs, desde que o cão aparecera com aquela doença de pele, Salamano punha-lhe pomada. Mas na sua opinião, a verdadeira doença que o cão tinha era a velhice, e a velhice não cura.

Nesse momento bocejei, e o velho anunciou que se ia embora. Disse-lhe que podia ficar e que estava aborrecido com o que Lhe acontecera ao cão: agradeceu-me. Disse-me que a minha mãe gostara muito do cão. Ao falar dela, chamava-a "a sua pobre mãe". Emitiu a suposição que eu devia sentir-me bem infeliz desde que a minha mãe morrera. Não respondi. Disse-me então, muito depressa e com um ar embaraçado, que no bairro me tinham criticado por a ter mandado para o asilo, mas ele conhecia-me e sabia que eu gostava muito da minha mãe. Respondi, não sei ainda porquê, que ignorava até agora que fosse criticado

por causa disso, mas que o asilo se me afigurara uma coisa muito natural, pois não tinha recursos para a manter comigo. "Além disso, acrescentei ainda, há muito tempo que não tínhamos nada que dizer um ao outro e que ela se aborrecia sozinha.

- "Sim, disse-me ele, e no asilo, ao menos, arranjam-se amigos". Depois, despediu-se. Queria dormir. A sua vida agora mudara completamente, e não sabia muito bem o que havia de

fazer. Pela primeira vez desde que nos conhecíamos, estendeu-me a mão num gesto envergonhado e eu senti-lhe as escamas da pele. Teve um sorriso breve e, antes de sair, disse: "Espero que os cães não ladrem esta noite. Julgo sempre que é o meu".

69

VI

No domingo, custou-me tanto a acordar, que foi preciso a Maria chamar-me e sacudir-me. Não comemos, porque queríamos tomar cedo o banho de mar. Sentia-me completamente vasio e doía-me um pouco a cabeça. O meu cigarro tinha um gosto amargo. Maria fez troça de mim porque dizia que eu estava com uma "cara de enterro". Pusera um vestido branco e soltara os cabelos. Disse-lhe que estava bonita e ela riu de contentamento.

71

Ao sair, batemos à porta do Raimundo. Respondeu-nos que já vinha. Na rua, porque estava cansado e também porque não tínhamos aberto as persianas, o dia, já cheio de sol, bateu-me como uma verdadeira bofetada. Maria saltava de prazer e não parava de repetir que estava óptimo. Senti-me melhor e reparei que estava com fome. Disse-o a Maria, que me mostrou o seu saco de praia, onde pusera os nossos dois fatos de banho e uma toalha. Não havia nada a fazer, senão esperar, e ouvimos Raimundo fechar a porta. Trazia umas calças azuis e uma camisa branca, de mangas curtas. Mas pusera na cabeça um chapéu de palha, de que Maria se riu muito, e sob os pêlos negros, tinha os braços muito brancos. Isto enojava-me um bocadinho. Ao descer, assobiava e tinha um ar muito contente. Disse-me: "Olá, pá", e tratou Maria por "Menina".

Na véspera tínhamos ido ao comissariado e eu testemunhara que a mulher o "enganara". Saiu-se com um aviso e uma reprimenda. Não verificaram a minha informação. Diante da porta, falámos com Raimundo deste caso, e depois decidimo-nos

a tomar o autocarro. A praia não era longe, mas assim iríamos
mais depressa. Raimundo achava que o amigo ficaria contente
por chegarmos tão cedo. Íamos partir quando Raimundo, de
súbito , me fez um sinal para olhar em frente de mim.

Reparei num grupo de Árabes encostados a um quiosque de
tabacos. Olhavam-nos em silêncio, mas à maneira deles, como se
fôssemos árvores mortas ou simplesmente pedras. Raimundo
disse-me que "o tipo" era o segundo a contar da esquerda, e
fez um ar preocupado. Acrescentou que, no entanto, o caso era
agora história antiga. Maria não compreendia muito bem, e
perguntou-nos o que se passava. Disse-lhe que eram uns Árabes,
ressentidos contra Raimundo. Maria quis que nos fôssemos
embora imediatamente. Raimundo endireitou-se e riu, dizendo
para nos despacharmos.

Fomos para a paragem dos autocarros, que ficava um pouco
mais longe, e Raimundo anunciou que os Árabes não nos haviam
seguido. Voltei-me para trás. Continuavam no mesmo lugar e
olhavam com a mesma indiferença o sítio que acabávamos de
deixar. Tomámos o autocarro. Raimundo, que parecia aliviado,
não parava de gracejar em intenção de Maria. Senti que esta
lhe agradava, mas vi - que ela não lhe respondia quase nunca.
De tempos a tempos, Maria olhava-me e ria.

Descemos numa paragem dos arredores de Argel. A praia não
ficava longe. Mas foi preciso atravessar um pequeno planalto
que domina o mar e que desce em seguida para a praia. Estava
coberto de pedras amareladas e de abróteas brancas, sob o azul
já duro do céu. Maria divertia-se a espalhar as pétalas destas
flores, batendo-lhes com o saco de praia. Marchámos entre
filas de pequenas vivendas com cercas verdes ou brancas,
algumas escondidas, com as suas varandas, entre os tamarizes,
e outras, nuas e despojadas, no meio das pedras. Antes de
chegar à borda do planalto, podia-se já ver o mar imóvel e,
mais longo, um cabo macisso e sonolento na água clara. Subiu
até nós, no ar calmo, um ligeiro barulho de motor. E vimos,
muito longe, uma pequena canoa que avançava imperceptivelmente
no mar brilhante. Maria agarrou em alguns estilhaços de rocha,
Da encosta que descia para o mar, vimos que já estavam vários
banhistas na praia.

O amigo de Raimundo morava numa casita de madeira, no

extremo da praia. A casa encostava-se à rocha e as traves que
a sustinham à frente,. mergulhavam já na água. Raimundo
apresentou-nos. O amigo - chamava-se Masson. Era um tipo alto,
entroncado, com ombros largos, e a mulher dele era baixa,
gorda e simpática, com um sotaque parisiense. Disse
imediatamente para nos pormos à vontade e que tinha para o
almoço uns peixes fritos que ele mesmo pescara de manhã.
Disse-Lhe que achava a casa muito bonita, e ele informou-me
que passava ali o sábado, o domingo, e todos os feriados. "Com
a minha mulher, é claro", acrescentou. Justamente, esta e
Maria riam-se de qualquer coisa. Pela primeira vez, pensei
seriamente que me ia casar.

Masson queria tomar banho, mas a mulher e Raimundo não
queriam ir. Descemos os três e Maria atirou-se logo à água.
Masson e eu, esperámos ainda um pouco. Masson falava muito
devagar e notei que tinha o costume de completar tudo quanto
dizia por um "e direi mesmo mais", mesmo quando, no fundo,
nada acrescentava ao sentido da frase. A propósito de Maria,
disse: "estupenda e, direi mesmo mais, encantadora". Depois,
deixei de prestar atenção a este tique, pois ocupava-me agora
em sentir que o sol me sabia bem. A areia começava-me á
aquecer, sob os pés: Retardei mais um bocado a vontade que
tinha de ir para a água, mas acabei por dizer a Masson:

"Vamos?" Mergulhei. Ele, entrou lentamente na água, e só
mergulhou quando perdeu o pé. Nadava de bruços, bastante mal,
de modo que o deixei para trás para ir ter com Maria. A água
estava fria e era bom nadar. Afastei-me com Maria e
sentíamo-nos os dois de acordo nos nossos gestos e no nosso
contentamento.

Ao largo, pusemo-nos a boiar de costas e, na minha cara
voltada para o céu, o sol afastava os últimos véus de água que
me escorriam para a boca. Vimos que Masson regressara à praia
e se estendera ao sol. De longe, parecia enorme. Maria quis
que nadássemos juntos. Coloquei-me por detrás dela,
segurando-a pela cintura e ela avançava à força de braços,
enquanto eu a ajudava batendo os pés. O pequeno barulho da
água batida seguiu-nos ao longo da manhã, até que me senti
cansado. Deixei então Maria e voltei para a praia, nadando
compassadamente e respirando bem: Uma vez na praia, estendi-me
de barriga para baixo ao pé de Masson e descancei a cara na

areia. Disse-lhe que "era bom" e ele tinha a mesma opinião.

Depois, Maria veio ter connosco, Voltei-me para a ver. Estava viscosa da água salgada e tinha os cabelos caídos para trás. Estendeu-se encostada a mim e os dois calores, o do corpo dela e o do sol, adormeceram-me um pouco.

Maria sacudiu-me e disse-me que Masson já fora para casa e era preciso ir almoçar. Levantei-me imediatamente porque tinha fome, mas Maria disse-me que não voltara a beijá-la desde manhã. Era verdade, e também eu tinha vontade de a beijar. "Vem para a água", disse-me ela. Corremos e deixámo-nos cair nas primeiras ondas, Fizemos algumas braçadas e ela encostou-se a mim. Senti as pernas dela em volta das minhas e desejei-a.

Quando voltámos, já Masson nos chamava. Disse que estava cheio de fome e o dono da casa declarou logo à mulher que eu lhe agradava: O pão era bom e devorei a minha porção de peixe. Depois, havia carne e batatas fritas. Comíamos sem falar. Masson bebia muito vinho e servia-me sem parar. Ao café, tinha a cabeça um pouco pesada e fumei muito. Masson, Raimundo e eu,. encarámos a hipótese de passar o mês de Agosto na praia,

dividindo as despesas: Maria perguntou de repente: "Sabem que horas são? São onze e meia". Estávamos todos admirados, mas Masson disse que se tinha comido muito cedo, o que era natural, pois a hora do almoço era a hora em que se tinha fome. Não sei por que motivo Maria se riu tanto com isto. Julgo que bebera demais. Masson perguntou-me então se queria ir dar com ele um passeio pela praia. "A minha mulher dorme sempre a sesta depois de almoço. Eu, não gosto disso. Preciso de andar. Digo-lhe sempre que é melhor para a saúde. Mas no fim de contas, está no seu direito". Maria declarou que ficava, para ajudar a dona da casa a lavar a loiça. Esta disse que, para isso, era preciso pôr os homens na rua. Descemos os três.

O sol caía quase a pique sobre a praia e o seu brilho no mar era insustentável. Já não estava ninguém na praia. Nas casas

ao longo do planalto e que olhavam para o mar, ouvia-se o barulho de pratos e de talheres. Mal se respirava, neste calor de pedra que subia do chão. Para principiar, Raimundo e Masson falaram de coisas e pessoas que eu ignorava. Percebi que se conheciam há muito tempo e que, a certa altura, tinham mesmo vivido juntos. Dirigimo-nos para a água e andámos à beira do mar. Às vezes, uma onda mais comprida do que as outras, vinha molhar-nos os sapatos de borracha. Não pensava em nada, porque estava meio adormecido com todo este sol na minha cabeça descoberta.. A certa altura, Raimundo disse a Masson qualquer coisa que não consegui ouvir muito bem. Mas distingui ao mesmo tempo, no fim da praia e muito longe de nós, dois Árabes vestidos de azul, que vinham na nossa direcção. Olhei para Raimundo, que me disse: "É ele". Continuámos a andar. Masson perguntou como é que eles nos podiam ter seguido até aqui. Pensei que nos tinham visto tomar o autocarro com um saco de praia, mas não disse nada.

Os Árabes avançavam lentamente e estavam já muito mais perto. Não modificámos o nosso andamento, mas Raimundo disse: "Se houver pancada, tu, Masson, ficas com o segundo. Eu, encarrego-me do meu tipo. Tu, Meursault, se vier outro Árabe, é para ti". Respondi: "Está bem", e Masson meteu as mãos nas algibeiras. A areia a ferver parecia-me agora vermelha.

Avançámos no mesmo passo para os Árabes. A distância entre nós foi diminuindo pouco a pouco: Quando não estávamos senão a alguns passos uns dos outros, os Árabes detiveram-se. Masson e eu começámos a andar mais devagar. Raimundo foi direito ao "seu tipo". Não percebi muito bem o que lhe disse, mas o outro fez menção de lhe dar uma cabeçada. Raimundo deu então o primeiro soco e logo a seguir chamou Masson. Masson dirigiu-se ao que Lhe fora destinado e deu-Lhe dois socos com toda a força. O outro caiu no mar, de barriga para baixo, a cara dentro de água e ficou assim alguns segundos, perto da cabeça dele, rebentavam à superfície bolhas de ar. Durante este tempo, Raimundo continuou a lutar e o outro tinha a cara cheia de sangue. Raimundo voltou-se para mim e disse: "Vais ver o que ele vai apanhar!" Gritei-lhe: "Atenção, o tipo tem uma navalha!" mas Raimundo tinha já o braço aberto e um golpe na boca.

Masson deu um salto para a frente. Mas o outro Árabe

levantara-se e colocara-se atrás do que estava armado. Não ousámos mexer-nos. Os Árabes recuaram lentamente, sem deixar de nos falar e de nos ameaçar com a navalha. Quando viram que a distância era suficiente, fugiam muito depressa, enquanto nós ficávamos ali pregados, ao sol, e Raimundo agarrava no braço a escorrer sangue.

Masson disse imediatamente que conhecia um médico que passava os domingos no pequeno planalto. Raimundo quis ir sem demora tratar das feridas. Mas, cada vez que falava, o sangue borbulhava-Lhe na boca. Ajudando-o a andar, voltámos para casa o mais depressa possível. Aí, Raimundo disse que afinal as feridas eram superficiais e que podia ir já ao médico. Saíu com Masson e eu fiquei, para explicar às mulheres o que se tinha passado. A mulher de Masson chorava e Maria estava muito pálida. Era aborrecido, ter de Lhes explicar. Por fim, calei-me e pus-me a fumar, olhando para a paisagem do mar.

Pela uma e meia, Raimundo e Masson voltaram. Raimundo trazia o braço ligado e adesivo no canto da boca. O médico dissera-Lhe que não fora nada de importante, mas estava com um ar sombrio. Masson tentou fazê-lo rir. Mas ele não dizia nada.

A certa altura, disse que queria descer à praia, e eu perguntei-lhe onde ia. Respondeu que lhe apetecia apanhar ar. Masson e eu dissemos que o acompanhávamos. Então, encolerizou-se e insultou-nos. Masson declarou que não devíamos contrariá-lo. Apesar disso, fui com ele.

Andámos muito tempo, ao longo da praia. O sol estava agora esmagador. Estilhaçava-se na praia e no mar. Tive a impressão de que Raimundo sabia onde ia, mas talvez estivesse enganado. Mesmo no fim da praia, chegámos a uma pequena fonte que corria para a areia, em direcção ao mar, por detrás de um grande rochedo. Aí, encontrámos os dois Árabes. Estavam deitados, com os seus trajes azuis e sujos. Tinham um ar calmo e quase beatífico. A nossa chegada não os incomodou. O que ferira Raimundo, olhava-o sem dizer uma palavra. O outro soprava numa flauta feita à mão e repetia interminavelmente, olhando-nos de viés , as três notas que conseguia obter do instrumento.

Durante todo este tempo, havia só o sol e este silêncio, com o leve ruído da nascente e das três notas musicais. Depois Raimundo levou a mão à algibeira de trás das calças, mas o outro não se moveu. Continuavam a fitar-se.

Reparei que o que tocava flauta tinha os dedos dos pés muito afastados. Sem tirar os olhos do adversário, Raimundo perguntou-me: "Dou cabo dele?" Pensei que, se dissesse que não, ficaria excitado e dispararia com certeza. Disse unicamente: "O tipo ainda não disse nada. Disparar assim sem mais nem menos, não seria bonito". Ouviu-se ainda o leve ruído da água e da flauta, no coração do silêncio e do calor. Depois, Raimundo disse: "Então vou insultá-lo e quando ele responder ,dou cabo dele". Respondi: "Isso mesmo. Mas se o tipo não puxar da navalha, não podes atirar". Raimundo começou a enervar-se. O outro continuava a tocar e os dois observavam atentamente os gestos de Raimundo. "Não, disse eu a Raimundo. Vai-te a ele, homem a homem e dá-me o revólver. Se o outro intervém ou se puxa a navalha, mato-o".

Quando Raimundo me deu o revólver, o sol reflectiu-se na arma. Ficámos imóveis, como se tudo se houvesse fechado em nossa volta. Olhávamo-nos sem baixar os olhos e tudo aqui se detinha entre o mar, a areia, o sol, e o duplo silêncio da flauta e da água.

83

Pensei neste instante que disparar ou não disparar, era tudo o mesmo. Mas bruscamente, os Árabes começaram a recuar e desapareceram por detrás do rochedo. Raimundo e eu voltámos então para casa. Raimundo parecia estar melhor e falou no autocarro da volta.

Acompanhei-o até casa e, enquanto ele subia a escada de madeira, eu fiquei no primeiro degrau, a cabeça cheia de sol, sem coragem para o esforço que era preciso fazer para subir as escadas de madeira e voltar a abordar as mulheres. Mas o calor era tão grande que me era igualmente penoso ficar assim imóvel, sob a chuva de luz que caía do céu. Ficar aqui ou partir, vinha a dar na mesma. Ao fim de alguns instantes, voltei para a praia e comecei a andar.

Era o mesmo brilho avermelhado. Na areia, o mar ofegava com a respiração rápida e abafada das pequenas ondas que se sucediam umas às outras. Dirigia-me lentamente para os

rochedos e sentia que a testa me inchava, sob o peso do sol.
Todo este calor se apoiava contra mim, opondo-se ao meu
avanço. E cada vez que sentia o sopro quente deste calor
enorme na minha cara, cerrava os dentes, apertava os punhos
nas algibeiras das calças, retezava-me todo para triunfar

do sol e da embriaguês opaca que caía sobre mim. A cada espada
de luz surgida da areia, de uma concha esbranquiçada ou de um
vidro partido, os queixos crispavam-se-me. Andei assim durante
muito tempo.

Distinguia, de longe, a pequena massa sombria do rochedo,
rodeado de uma auréola formada pela luz e pela poeira do mar.
Pensava na nascente fresca que havia por detrás do rochedo.
Desejava reencontrar o murmúrio da água que dela brotava,
desejava fugir ao sol, ao esforço, às lágrimas da mulher,
desejava enfim, reencontrar a sombra e o repouso. Mas quando
cheguei mais perto, vi que o Árabe de Raimundo voltara ali.

Estava só. Descansava de costas, as mãos debaixo da nuca, a
cabeça nas sombras do rochedo e o resto do corpo ao sol. O seu
trajo azul fumegava de calor. Fiquei um pouco admirado. Para
mim, era história antiga, e viera para aqui sem pensar no
caso. Logo que me viu, levantou-se e meteu a mão na algibeira.
Eu, muito naturalmente, agarrei no revólver de Raimundo,
dentro do casaco. Então, o Árabe deixou-se cair outra vez para
trás, mas sem tirar a mão da algibeira.

Eu estava bastante longe dele, a uns dez metros de distância.
Adivinhava-Lhe por instantes o olhar, entre as pálpebras
semicerradas. Mas a maioria das vezes, a imagem dele dançava
diante dos meus olhos, na atmosfera inflamada. O barulho das
vagas era ainda mais preguiçoso do que ao meio-dia. Eram o
mesmo sol e a mesma luz, que se prolongavam até este momento.
Há já duas horas que o dia deitara a sua âncora neste oceano
de metal fervente. No horizonte, passou um pequeno vapor.
Adivinhei-lhe a mancha negra com o canto do olho, pois não
cessava de fitar o Árabe.

Pensei que me bastava voltar para trás e tudo ficaria

resolvido. Mas atrás de mim, comprimia-se uma imensa praia
vibrante de sol. Dei alguns passos para a nascente. O Árabe
não se moveu. Apesar disso, estava ainda bastante longe.
Parecia sorrir, talvez por causa das sombras que se lhe
projectavam na cara. Esperei. A ardência do sol queimava-me as
faces e senti o suor amontoar-se-me nas sobrancelhas. Era o
mesmo sol do dia em que a minha mãe fora a enterrar e, como
então, doía-me a testa, sobretudo a testa e todas as suas
veias batiam ao mesmo tempo debaixo da pele. Por causa desta
queimadura que já não podia suportar mais,

fiz um movimento para a frente. Sabia que era estúpido, que
não me iria desembaraçar do sol, simplesmente por dar um passo
em frente. Mas dei um passo, um só passo em frente. E desta
vez, sem se levantar, o Árabe tirou a navalha da algibeira e
mostrou-ma ao sol. A luz reflectiu-se no aço e era como uma
longa lâmina faiscante que me atingisse a testa. No mesmo
momento, o suor amontoado nas sobrancelhas correu-me de súbito
pelas pálpebras abaixo e cobriu-as com um véu morno e espesso.
Os meus olhos ficaram cegos, por detrás desta cortina de
lágrimas e de sal. Sentia apenas as pancadas do sol na testa
e, indistintamente, a espada de fogo brotou da navalha, sempre
diante de mim. Esta espada a arder corroía-me as pestanas e
penetrava-me nos olhos doridos. Foi então que tudo vacilou. O
mar enviou-me um sopro espesso e fervente. Pareceu-me que o
céu se abria em toda a sua extensão, deixando tombar uma chuva
de fogo. Todo o meu ser se retesou e crispei a mão que
segurava o revólver. O gatilho cedeu, toquei na superfície
lisa da coronha e foi aí, com um barulho ao mesmo tempo seco e
ensurdecedor, que tudo principiou.

Sacudi o suor e o sol. Compreendi que destruíra o equilíbrio
do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido
feliz. Voltei então a disparar mais quatro vezes contra um
corpo inerte onde as balas se enterravam sem se dar por isso.
E era como se batesse quatro breves pancadas à porta da
desgraça.

88

SEGUNDA PARTE

I

Logo a seguir à minha prisão, fui interrogado por várias vezes. Mas tratava-se de interrogatórios de identidade, que não duraram muito tempo. A primeira vez, no comissariado, o meu caso parecia não interessar a ninguém. Oito dias depois, ao contrário,. o juiz de instrução olhou-me com curiosidade. Mas, para começar, perguntou-me apenas o nome e a morada, a profissão, a data e o local do nascimento. Depois quis saber se eu já escolhera advogado. Respondi que não e perguntei-lhe se era absolutamente necessário ter advogado. "Porquê?", disse ele. Repliquei, afirmando que achava o meu caso muito simples.

91

Sorriu, dizendo: "É uma opinião. No entanto, a lei é a lei. Se o senhor não quer quem o defenda, nós nomeamos automaticamente advogado". Achei que era muito cómodo, a justiça encarregar-se desses pormenores. Disse-lho. Concordou comigo e concluiu que a lei estava bem feita.

No começo, não o tomei a sério. Recebeu-me numa sala com reposteiros nas paredes. Tinha em cima da secretária um único candeeiro, que iluminava a cadeira onde me mandou sentar, enquanto ele ficava na sombra. Tinha já lido descrições parecidas em livros, e tudo isto me pareceu uma brincadeira. Depois da nossa conversa, pelo contrário, olhei-o e vi um homem de traços finos, profundos olhos azuis, muito alto, com um comprido bigode grisalho e uma abundante cabeleira quase branca. Afigurou-se-me uma pessoa razoável e, no fim de contas, simpática, apesar dos tiques nervosos que, de quando em quando, lhe deformavam a boca. À saída ia mesmo para lhe estender a mão, mas lembrei-me a tempo de que era um assassino.

No dia seguinte, um advogado veio falar comigo à prisão.

Era baixo e gordo, bastante novo ainda, os cabelos cuidadosamente penteados com fixador. Apesar do calor (eu estava em mangas de camisa), envergava um fato escuro, um colarinho duro e uma gravata esquisita, com grandes riscas pretas e brancas. Pôs em cima da cama a pasta que trazia debaixo do braço, apresentou-se e disse que estudara o meu processo. O meu caso era delicado, mas se eu tivesse confiança nele, não duvidava do êxito final. Agradeci-lhe e ele disse-me: "Entremos no fundo da questão".

Sentou-se na cama e explicou-me que tinham andado a investigar a minha vida privada. Tinham descoberto que a minha mãe morrera recentemente no asilo. Procedera-se então a um inquérito em Marengo. Os investigadores tinham sabido que eu "dera provas de insensibilidade" no dia do enterro. "Veja se compreende, disse o advogado, custa-me um bocado perguntar-lhe isto. Mas é muito importante. E será um grande argumento para a acusação, se eu não conseguir dar resposta". Queria que eu o ajudasse. Perguntou-me se eu, nesse dia, tinha tido pena da minha mãe. Esta pergunta muito me espantou e parecia-me que não era capaz de a fazer a alguém.

Não obstante, respondi que perdera um pouco o hábito de me interrogar a mim mesmo e que era difícil dar-lhe uma resposta. É claro que gostava da minha mãe, mas isso não queria dizer nada. Todos os seres saudáveis tinham, em certas ocasiões, desejado mais ou menos, a morte das pessoas que amavam. Aqui, o advogado cortou-me a palavra e mostrou-se muito agitado. Obrigou-me a prometer que não diria isto na audiência, nem ao juiz de instrução. Expliquei-Lhe, no entanto, que a minha natureza era feita de tal modo que as minhas necessidades físicas perturbavam frequentemente os meus sentimentos. No dia do enterro, estava muito cansado e com muito sono. De forma que não dei lá muito bem pelo que se passou. O que podia afirmar, com toda a certeza, era que preferia que a mãe não tivesse morrido. Mas o advogado não ficou contente. Disse: "Isso não chega".

Pôs-se a pensar. Perguntou-me se se poderia dizer que, nesse dia, eu reprimira os meus sentimentos naturais. Respondi: "Não, porque não é verdade". Olhou-me de um modo estranho, como se eu lhe inspirasse uma certa repulsa. Disse-me quase maldosamente que, de qualquer forma, o director e o pessoal do asilo seriam ouvidos como testemunhas, o que "seria sem dúvida muito mau para mim". Fiz-lhe notar que essa história não tinha nenhuma relação com o meu caso, mas ele respondeu-me que se via bem que eu não conhecia a justiça de perto.

Foi-se embora com um ar zangado. Teria querido retê-lo, explicar-lhe que desejava a simpatia dele, não para ser mais bem defendido, mas, se assim me posso exprimir, naturalmente. Percebia sobretudo que o punha pouco à vontade. Não me compreendia e desconfiava um bocadinho de mim. Desejava afirmar-lhe que era como toda a gente, absolutamente como toda a gente. Mas tudo isso, no fundo, não era de grande utilidáde e, por preguiça, renunciei a esta intenção.

Pouco tempo depois, fui outra vez levado ao juiz de instrução. Eram duas horas da tarde e, desta vez, o escritório estava cheio de luz, uma luz que a cortina da janela mal conseguia abrandar. O calor apertava. Mandou-me sentar e, muito amavelmente, declarou que o meu advogado, "devido a um contratempo", não pudera comparecer. Mas eu tinha todo o direito de não lhe responder às perguntas, e de esperar até que o advogado pudesse estar presente.

Disse que podia perfeitamente responder sozinho. Apoiou um dedo numa campainha, debaixo da mesa. Um escrivão ainda novo veio colocar-se atrás das minhas costas.

Instalámo-nos os dois confortavelmente nas nossas poltronas. O interrogatório principiou. Disse-me antes de mais nada, que me pintavam como tendo um carácter taciturno e fechado, e quis saber a minha opinião a este respeito. Respondi: " que, como nunca tenho quase nada a dizer, prefiro calar-me". Sorriu como da primeira vez, concordou que era uma razão de peso e acrescentou: "Aliás, não tem importância nenhuma". Calou-se, olhou para mim, e levantou-se bruscamente na cadeira, dizendo: "O que me interessa, é o senhor!" Não compreendi o que ele queria dizer e não respondi. "Há coisas, acrescentou ainda, que me escapam, no seu gesto. Estou certo de que me ajudará a compreender melhor". Repliquei que era muito simples. Pediu-me

para lhe contar o que fizera nesse dia. Voltei a descrever o
que já lhe tinha contado: Raimundo, a praia, o banho, a
disputa, outra vez a praia, a pequena nascente, o sol e os
cinco disparos do revólver.

96

A cada frase, ele dizía: "Bem, bem". Quando cheguei ao corpo
estendido na areia, aprovou-me, dizendo: "Bom." Quanto a mim,
estava cansado de repetir sempre a mesma história e tinha a
impr essão de nunca ter falado tanto. Depois de um silêncio, o
juiz levantou-se e disse que me queria ajudar, que o meu caso
o interessava e, com a ajuda de Deus, faria qualquer coisa por
mim. Mas antes, queria dirigir-me ainda algumas perguntas. Sem
transição, perguntou se eu gostava da minha mãe. Redargui:
"Sim, como toda a gente". E o escrivão que, até aqui escrevia
em ritmo normal à máquina, enganou-se e teve que voltar atrás.
Ainda sem lógica aparente, o juiz perguntou-me então se
disparara os cinco tiros a seguír. Pensei um bocado e
especifiquei que disparara primeiro um só tiro e, alguns
segundos depois, os outros quatro. "Porque fez uma pausa entre
o primeiro e o segundo tiro?", disse ele. Mais uma vez, voltei
a ver a praia avermelhada e senti na testa a ardência do sol.
Mas desta vez, não respondi nada. Durante todo o silêncio que
se seguiu, o juiz pareceu agitado. Sentou-se, mexeu nos
cabelos, pôs os cotovelos em cima da secretária e debruçou-se
um pouco para mim com um ar estranho:

97

"Porque foi o senhor, porque foi o senhor disparar contra um
corpo caído?" Também não soube responder. O juiz passou a mão
pela testa e repetiu a pergunta, com a voz um pouco alterada:
"Porquê? É preciso que me diga. Porquê?" Eu continuava calado.

Bruscamente levantou-se, dirigiu-se com grandes passadas
para a extremidade da secretária e abriu uma gaveta. Tirou um
crucifixo de prata e, agitou-o no ar, voltando para o pé de
mim. E, com uma voz completamente diferente, quase trémula,
gritou: "Conhece-O, conhece-O?" Respondi: "Sim, é claro que
conheço". Disse-me então muito depressa e de um modo
apaixonado que acreditava em Deus, que nenhum homem era

suficientemente culpado para que Deus não Lhe perdoasse, mas que para isso era necessário que o homem, pelo seu arrependimento, se transformasse como que numa criança, cuja alma está vazia e pronta a acolher tudo. Todo o seu corpo se debruçava sobre a mesa. Agitava o crucifixo diante dos meus olhos. Para dizer a verdade, eu mal seguira o raciocínio dele, primeiro porque tinha calor e porque voavam no escritório grandes moscas que me vinham pousar na cara, e em seguida, porque me assustava um bocadinho.

Reconhecia ao mesmo tempo que esta sensação era ridícula, pois afinal o criminoso era eu. Continuou, no entanto. Compreendi pouco a pouco que, na opinião dele, havia apenas um ponto obscuro na minha confissão, o facto de ter esperado entre o primeiro e o segundo disparo. Quanto ao resto estava bem, mas isso é que ele não conseguia compreender.

Ia dizer-Lhe que não valia a pena obstinar-se:

este último ponto não tinha tanta importância como isso. Mas ele interrompeu-me e exortou-me pela última vez, olhando-me de alto e perguntando-me se eu acreditava em Deus. Respondi que não.

Sentou-se indignadamente. Disse-me que era impossível, que todos os homens acreditavam em Deus, mesmo os que não o queriam ver. A convicção dele era essa e, se um dia duvidasse, a vida deixaria de ter sentido. "Quer o senhor, exclamou, que a minha vida deixe de ter sentido?" Eu achava que não tinha nada com isso, e disse-lho. Mas, através da mesa, estendeu a imagem de Cristo e exclamou: "Eu, sou cristão. Peço perdão pelos teus pecados a Este.

Como podes não acreditar que Ele sofreu por ti?"

Reparei que me estava a tratar por tu... mas estava farto. O calor apertava cada vez mais. Como sempre que me quero desembaraçar de alguém que já nem estou a ouvir, fiz menção de aprovar. Com grande surpresa minha, tomou um ar de triunfo: "Vês, vês!" dizia ele. Não é verdade que crês e que te vais confiar a Ele?" É claro que, uma vez mais, disse que não. Voltou a deixar-se cair na cadeira.

Tinha um ar muito cansado. Deixou-se ficar calado durante alguns momentos, enquanto a máquina de escrever, que não deixara de seguir o diálogo, prolongava ainda as últimas frases. Em seguida, olhou-me atentamente e com um bocadinho de

tristeza: Murmurou: "Nunca tinha visto uma alma tão empedernida como a sua. Os criminosos que aqui vieram, choraram sempre diante desta imagem da dor". Ia responder que isso sucedia porque, justamente eram criminosos. Mas pensei que, afinal, também eu era como eles. Não me conseguia habituar a esta ideia... O juiz levantou-se então, como se quisesse significar que o interrogatório acabara. Perguntou-me apenas, com o mesmo ar um pouco fatigado, se estava arrependido do - meu gesto. Meditei e disse que, mais do que verdadeiro arrependimento, experimentava um certo aborrecimento. Tive a impressão de que não me compreendia. Mas nesse dia, as coisas não foram mais longe.

Mais tarde, voltei a estar várias Vezes com o juiz. Mas agora, sempre acompanhado do advogado. Limitavam-se a pedir-me para pormenorizar certos pontos das minhas anteriores declarações. Ou então, o juiz discutia as acusações com o advogado. Mas nesse momento não se ocupavam de mim. Pouco a pouco, em todos os casos, o tom do interrogatório foi-se modificando. Parecia que o juiz já se não interessava por mim e que, de algum modo, classificara já o meu caso. Não voltou a falar-me de Deus e não voltei a vê-lo com a excitação do primeiro dia. O resultado é que as nossas conversas se tornaram mais cordiais. Algumas perguntas, umas frases trocadas com o meu advogado e pronto, o interrogatório acabara. O caso seguia o seu curso, na expressão do juiz. Por vezes, quando a conversa era de ordem geral, eu também entrava. Começava a poder respirar. Ninguém era mau comigo,

nesses momentos. Tudo era tão natural, tão bem regulado e tão sobriamente representado, que tinha a impressão ridícula de "fazer parte da família". E ao fim dos onze meses que durou a instrução do processo, posso dizer que quase me espantava de alguma vez ter gostado tanto de uma coisa, como desses raros instantes em que o juiz me levava à porta do gabinete, batendo-me no ombro e dizendo com um ar cordial: "Por hoje acabou, sr. Anti-Cristo". Entregavam-me então outra vez nas mãos dos polícias.

II

Há coisas de que prefiro não falar. Quando entrei para a prisão, percebi logo ao fim de poucos dias que não gostaria de falar dessa parte da minha vida. Mais tarde, deixei de atribuir importância a essas repugnâncias. Na realidade, nos primeiros dias não estava verdadeiramente na prisão: esperava vagamente que surgisse qualquer acontecimento novo. Foi apenas depois da primeira e última visita de Maria que tudo principiou.

A partir do dia em que recebi a carta dela (dizia que não a deixavam vir visitar-me, pois não era minha mulher), a partir desse dia senti que a minha casa era a minha cela,

e que a vida parava aí. No dia em que me prenderam, fecharam-me primeiro num quarto onde já havia muitos detidos, a maioria deles Árabes. Ao verem-me, começaram a rir. Depois perguntaram-me o que é que eu tinha feito. Disse que tinha morto um Árabe e eles calaram-se todos. Mas uns momentos depois, caiu a noite. Os Árabes explicaram-me como devia arranjar a enxerga onde me havia de deitar. Enrolando uma das extremidades, improvizava-se um travesseiro. Durante toda a noite, passearam-me piolhos pela cara. Alguns dias depois, isolaram-me numa cela, onde me deitava numa cama de madeira. Dispunha de uma bacia de ferro. A prisão ficava na parte de cima da cidade e, da minha pequena janela, podia ver o mar. Foi num dia em que estava agarrado às grades, a cara voltada para a luz, que um guarda entrou, dizendo-me que tinha uma visita. Pensei que era Maria. Era ela, de facto.

Atravessei um corredor comprido, depois umas escadas e, para acabar, outro corredor. Entrei numa sala muito grande, iluminada por uma vasta janela. A sala era dividida em três partes por dois gradeamentos que a cortavam no comprimento. Entre os dois gradeamentos havia um espaço de oito a dez metros que separava os visitantes dos prisioneiros. Vi que Maria estava em frente de mim, com o seu vestido às riscas e a sua cara queimada pelo sol. Do meu lado havia uma dúzia de presos, quase todos Árabes. Maria estava rodeada de Mouros, entre duas visitantes, uma velhinha de beiços cerrados,

vestida de preto e uma mulher gorda, em cabelo, que falava
muito alto, com grande abundância de gestos. Por causa da
distância entre os gradeamentos, os visitantes e os presos
viam-se obrigados a falar quase aos gritos. Quando entrei, o
barulho das vozes, fazendo eco nas grandes paredes nuas da
sala e a luz crua que corria do céu para os vidros e se
reflectia na sala, causaram-me uma espécie de vertigem. A
minha cela era mais calma e mais sombria. Precisei de alguns
segundos para me adaptar. Acabei, no entanto, por ver com
nitidez cada cara, como se se recortasse no dia claro.
Observei que havia um guarda sentado na extremidade do
corredor, entre os dois gradeamentos. A maioria dos
prisioneiros árabes, assim como as suas famílias,

estavam de cócoras frente a frente. Estes não gritavam. Apesar
do tumulto que ali reinava, conseguiam entender-se, falando em
voz baixa. Este murmúrio surdo, vindo de mais baixo, formava
como que um contínuo sublinhado das conversas que se cruzavam
por cima das suas cabeças. Observei tudo isto muito depressa,
e avancei para Maria. Colada ao gradeamento, sorria-me com
quantas forças tinha. Estava muito bonita, mas não fui capaz
de lho dizer. "Então?", disse ela em voz alta. "Então, aqui
estou. - Estás bem, tens tudo o que precisas? - Sim, tenho".

Calámo-nos e Maria continuava a sorrir. A mulher gorda
berrava com o meu vizinho, o marido possivelmente, um tipo
alto e loiro, com um olhar franco. Era o prosseguimento de uma
conversa já iniciada.

"A Joana não quis aceitar, gritava ela. "Sim, sim", dizia o
homem. "Disse que tu o irias buscar outra vez quando saísses,
mas ela não quis aceitar".

Maria gritou por sua vez que o Raimundo me mandava um abraço
e eu disse: "Obrigado". Mas a minha voz foi abafada pela do
meu vizinho, que perguntou "que tal ia ele". A mulher riu-se,
dizendo "que nunca se sentira tão bem. O meu vizinho da
esquerda, um rapazinho de mãos muito finas, não dizia nada.
Reparei que estava em frente da velhinha e que os dois se
olhavam intensamente. Mas não tive tempo de os observar mais
detidamente, pois Maria me estava a dizer que era preciso ter
esperança. Disse: "Sim". Ao mesmo tempo olhava-a e sentia
vontade de lhe apertar o ombro por cima do vestido. Sentia
vontade desse tecido delicado e, fora isso, não sabia muito

bem em que é que havia de ter esperança. Mas era isso, sem dúvida, o que Maria queria dizer, pois continuava a sorrir. Via apenas o brilho dos seus dentes e as pequenas rugas junto aos seus olhos. Voltou a gritar: "Vais sair depressa e depois, casamo-nos!" Respondi: "Achas que sim?", mas era sobretudo para dizer alguma coisa. Redarguiu então muito depressa e sempre em voz altíssima que sim,.que eu seria absolvido, que voltaríamos a tomar banhos de mar. Mas outra mulher gritava mesmo ao lado de nós, dizendo que deixara o cesto à porta. Enumerava tudo o que tinha dentro do cesto. Era preciso verificar, pois tudo que lá havia dentro era muito caro. O meu outro vizinho e a mãe continuavam a fitar-se.

O murmúrio dos Árabes também continuava a ouvir-se, abaixo de nós. Lá fora, a luz parecia inchar-se de encontro à janela. Correu por todas as caras, como um sumo novo.

Não me sentia muito bem e gostaria de me ir embora. O barulho incomodáva-me. Mas por outro lado, queria gozar da presença de Maria. Não sei quanto tempo passou. Maria falou-me do seu trabalho, sem parar de sorrir. O murmúrio, os gritos, as conversas entrecruzavam-se. A única ilha de silêncio estava ao meu lado, nas pessoas do rapazinho e da mãe, que olhavam um para o outro. Pouco a pouco, os Árabes foram saindo: Logo que o primeiro saiu, quase todos se calaram. A velhinha aproximou-se das grades e, ao mesmo tempo, um guarda fez sinal ao filho. Este disse: "Adeus, mãe", e ela passou a mão por entre as grades para lhe fazer uma pequena carícia, lenta e prolongada.

A velhinha saiu, e entrou um homem de chapéu na mão, que lhe tomou o lugar: Introduziram um novo prisioneiro e estes começaram a falar animadamente, mas a meia voz, porque a sala estava agora silenciosa. Vieram buscar o meu vizinho da direita e a mulher disse-lhe sem baixar de tom, como se não houvesse notado que já não era preciso gritar: "Trata-te bem e toma cuidado". Depois chegou a minha vez. Maria atirou-me um beijo de longe. Voltei-me antes de sair. Estava imóvel, a cara esmagada contra o gradeamento, com o mesmo sorriso forçado e crispado.

Foi pouco depois que ela me escreveu. E foi a partir desse momento que começaram as coisas de que nunca gostei de falar. De todos os modos, não vale a pena exagerar, e o certo é que

me custou menos do que a muitos outros. No início da minha detenção, no entanto, o mais duro, foi virem-me à cabeça pensamentos de homem livre. Por exemplo, sentia de repente desejo de estar numa praia e de correr para o mar. Imaginando o barulho das primeiras ondas sob as plantas dos pés, a entrada do corpo na água, a libertação que era para mim o banho de mar, sentia de repente até que ponto as paredes da prisão me cercavam. Mas isto durou apenas alguns meses. Depois, passei a ter unicamente pensamentos de prisioneiro. Aguardava o passeio quotidiano no pátio ou então a visita do advogado. No resto do tempo, passava menos mal.

Nessa altura pensei muitas vezes que, se me obrigassem a viver dentro de um tronco seco de árvore, sem outra ocupação, além de olhar a flor do céu por cima da minha cabeça, ter-me-ia habituado pouco a pouco. Observaria a passagem das aves ou os encontros entre as nuvens, tal como aqui observava as extraordinárias gravatas do advogado e como, num outro mundo, esperava até sábado para apertar nos meus braços o corpo de Maria. Ora a verdade, afinal de contas, é que eu não estava dentro de um tronco de árvore. Havia pessoas mais infelizes do que eu. Acabamos por nos habituar a tudo, gostava a minha mãe de dizer..

Geralmente eu não ia tão longe, aliás. Os primeiros meses foram difíceis. Mas justamente o esforço que fui obrigado a fazer ajudou-me a passá-los. Atormentava-me, por exemplo, o desejo de uma mulher. Era natural, eu era um rapaz novo. Não pensava especialmente em Maria. Mas pensava tanto numa mulher, nas mulheres, em todas as que tinha conhecido um dia, em todas as circunstâncias em que as amara, - que a cela ficava cheia de todas essas caras femininas e se povoava com todos os meus desejos. Isto desiquilibrava-me, de certo modo. Mas por outro lado, fazia passar o tempo. Acabara por conquistar a simpatia do guarda que, à hora das refeições, acompanhava o moço da cozinha. O primeiro que me falou de mulheres, foi ele. Disse que era a primeira coisa de que os outros se queixavam. Redargui que era como os outros e que achava injusto este tratamento. "Mas é precisamente para isso, disse ele, que os prendem. - Para isso? - Pois claro, a liberdade é isso mesmo. A vocês, privam-nos da liberdade". Nunca me lembrara de semelhante coisa. Aproveí-o: "É verdade, disse eu, onde

estaria então o castigo? - Sim, Vê-se que você compreende as
coisas. Os outros não compreendem. Mas acabam por resolver o
problema de qualquer maneira". O guarda foi-se embora. No dia
seguinte, eu era como os outros. Houve também o caso dos
cigarros. Quando entrei para a prisão, tiraram-me o cinto, os
atacadores dos sapatos, a gravata e tudo quanto trazia nas
algibeiras, especialmente os cigarros. Uma vez na minha cela,
pedi que mos devolvessem. Mas responderam-me que era proibido.

Os primeiros dias foram terríveis. Foi talvez isso o que mais
me abateu. Chupava pedacinhos de madeira, que arrancava das
tábuas da cama. Uma náusea permanente acompanhava-me durante o
dia inteiro. Não percebia por que razão me privavam de coisas
inocentes como os cigarros, que não faziam mal a ninguém. Mais
tarde, compreendi que também pertenciam ao castigo. Mas nesse
momento, habituara-me já a deixar de fumar e deixara de ser um
castigo.

Aparte estes aborrecimentos, não me sentia muito infeliz.
Todo o problema, repito-o, estava em matar o tempo. Por
último, acabei por já não me massar, a partir do instante em
que aprendi a recordar. Punha-me às vezes a pensar no meu
quarto e, em imaginação, partia de um canto e dava a volta ao
quarto, enumerando mentalmente tudo o que encontrava pelo
caminho. Ao princípio, isto durava pouco. Mas, cada vez que
recomeçava, ia durando mais, pois lembrava-me de cada móvel e,
para cada móvel, de cada objecto que lá havia e, para cada
objecto, de todos os pormenores e, para os próprios
pormenores, de uma incrustação, de uma racha, de um bordo
quebrado, da cor que tinham, ou da qualidade de que eram
feitos. Tentava ao mesmo tempo não perder o fio a este
inventário e fazer uma enumeração completa. De tal forma que,
ao fim de algumas semanas, passava horas, só a catalogar tudo
o que havia no meu quarto. Assim, quanto mais pensava, mais
coisas esquecidas ia tirando da memória. Compreendi então que
um homem que houvesse vivido um único dia, poderia sem custo
passar cem anos numa prisão. Teria recordações suficientes
para não se massar. De certo modo, isto era uma vantagem.

Havia também o sono. No começo dormia mal de noite e de dia,
nunca. Pouco a pouco, as noites melhoraram e consegui também
dormir de dia. Posso dizer que, nos últimos meses, dormia
dezasseis a dezoito horas por dia. Restavam-me seis horas a

matar, com as refeições, as necessidades naturais, as
recordações e a história do Tchecoslovaco.

Entre a enxerga e as tábuas da cama, eu encontrara, com efeito, um velho bocado de jornal, amarelecido e transparente, quase colado ao pano. Relatava um acontecimento cujo início faltava, mas que devia ter sucedido na Tchecoslováquia. Um homem partira de uma aldeia para fazer fortuna.

Ao fim de vinte e cinco anos, rico, regressara casado e com um filho. A mãe dele, juntamente com a irmã, tinham uma estalagem na aldeia. Para lhes fazer uma surpresa, deixara a mulher e o filho noutra estalagem e fora visitar a mãe, que não o reconheceu. Por brincadeira, tivera a ideia de se instalar num quarto como hóspede. Mostrara o dinheiro que trazia. De noite, a mãe e a irmã tinham-no assassinado à martelada e atirado o corpo para o rio. No dia seguinte de manhã, a mulher do desgraçado viera à estalagem e revelara, sem saber, a identidade do viajante. A mãe enforcara-se. A irmã atirara-se a um poço. Devo ter lido esta história milhares de vezes. Por um lado, era inverosímil. Por outro lado, era natural. De todos os modos, achava que o viajante merecera até certo ponto a sua sorte e que nunca se deve brincar com estas coisas.

E assim, com as horas de sono, as recordações, a leitura do meu jornal e a alternância da luz e da sombra, o tempo foi passando.

Tinha lido que na prisão se perde a noção do tempo. Mas para mim, isto não fazia sentido. Não compreendera ainda até que ponto os dias podiam ser ao mesmo tempo curtos e longos. Longos para viver, sem dúvida, mas de tal modo distendidos, que acabavam por se sobrepor uns aos outros e por perder o nome. As palavras ontem ou amanhã eram as únicas que conservavam sentido.

Quando, um dia, o guarda me disse que estava preso há cinco meses, acreditei, mas não compreendi. Para mim era sempre o mesmo dia, que caía na minha cela, e era sempre a mesma tarefa, que eu perseguia sem cessar. Nesse dia, depois do guarda ter saído, olhei-me ao espelho na bacia de esmalte. Pareceu-me que a minha cara ficava séria, mesmo quando tentava sorrir. Agitei-a diante de mim. Sorri, mas a imagem conservou o mesmo ar severo e triste. O dia acabava e era a hora de que não quero falar, a hora sem nome, em que os ruídos da noite

subiam de todos os andares da prisão, num cortejo de
silêncios. Aproximei-me da clarabóia e, à última luz do fim da
tarde, contemplei uma vez mais a minha imagem. Continuava
séria, o que não era de admirar, pois nesse instante, também
eu estava sério. Mas ao mesmo tempo, e pela primeira vez, ouvi
distintamente o som da minha voz.

114 115

Reconhecia-a por aquela que ressoava há tantos dias aos meus
ouvidos e compreendi que, durante este tempo, falara sozinho
em voz alta. Lembrei-me então do que dizia a enfermeira no
enterro da mãe. Não, não havia saída possível, e ninguém,
ninguém pode imaginar o que são as noites nas prisões.

116

III

No fundo, um Verão depressa substituiu outro Verão. Sabia
que, com a chegada dos primeiros calores, surgiria qualquer
coisa de novo.

O meu caso estava inscrito na última sessão do tribunal e
esta sessão terminaria em fins de Junho. Os debates
iniciaram-se num dia de sol.

O meu advogado assegurara-me que não durariam mais do que
dois ou três dias "Aliás, acrescentara, "O caso será
despachado rapidamente, porque não é o mais importante da
sessão. Logo a seguir, será julgado um parricida".

Vieram-me buscar às sete e meia da manhã, e o carro celular
levou-me ao tribunal.

117

Os dois polícias mandaram-me entrar para uma salinha sombria.
Aguardámos, sentados ao pé de uma porta, por detrás da qual se
ouviam vozes, chamamentos, barulhos de cadeiras, numa confusão

de ruídos que me recordou essas festas de bairro em que, depois do concerto, se organiza a sala para a dança. Os polícias disseram-me que tínhamos que esperar pelos juizes e um deles ofereceu-me um cigarro, que recusei. Perguntou-me, pouco depois, se estava com medo. Respondi que não. E mesmo, sob um certo aspecto, interessava-me observar umjulgamento. Nunca tivera ocasião para ver nenhum: "Sim, disse o segundo polícia, mas acabamos por nos cansar".

Não muito tempo depois, uma campainha retiniu na sala onde estávamos. Tiraram-me as algemas. Abriram a porta e introduziram-me no pequeno quadrado dos réus. A sala estava cheia a abarrotar. Apesar das persianas, o sol infiltrava-se aqui e ali e o ar estava já quentíssimo. Tinham deixado os vidros fechados. Sentei-me e os polícias puseram-se um de cada lado da cadeira. Foi nesse momento que, diante de mim, distingui uma fila de caras. Todas me olhavam: percebi que eram os membros do júri. Mas não sou capaz de dizer o que os distinguia uns dos outros. Tive apenas uma impressão: eu estava no banco de um eléctrico e todos estes passageiros anónimos espiavam o recém-chegado para lhe observar os ridículos. Sei perfeitamente que esta ideia era parva pois aqui não era o ridículo que eles procuravam, era o crime. Porém a diferença entre as duas coisas não se me afigurava muito grande e, de qualquer modo, foi a ideia que me veio à cabeça.

Estava um pouco atordoado, por tanta gente amontoada numa sala. Voltei a olhar para o júri e não consegui distinguir especialmente nenhuma fisionomia. Parece-me bem que, ao princípio, não tinha percebido que toda esta gente estava aqui para me ver. Geralmente, as pessoas não se interessavam pela minha pessoa. Tive que realizar um esforço, para compreender que a causa de toda esta agitação era eu. Disse ao polícia: "Que quantidade de gente!" Respondeu-me que era por causa dos jornais e mostrou-me um grupo que estava em volta de uma mesa, por debaixo do banco do júri. Disse: "Ali estão eles". Perguntei: "Quem?" e ele repetiu: "Os jornais".

Conhecia um dos jornalistas, que nesse momento o viu e que se dirigiu em nossa direcção. Era um homem já de certa idade, simpático, com uma cara vincada. Apertou calorosamente a mão do polícia. Notei nesse instante que toda a gente se

interpelava e conversava, como num clube em que se gosta de encontrar pessoas do mesmo meio. Foi assim que interpretei uma impressão bizarra de estar a mais, de ser como que um intruso. No entanto, o jornalista falou-me com um ar sorridente. Disse que esperava que tudo corresse bem, para mim. Agradeci-lhe e ele acrescentou: "Sabe, tivemos que "fazer" um pouco o seu caso. O Verão é uma época morta, para os jornais. As únicas histórias que valiam alguma coisa, eram a sua e a do parricida". Mostrou-me em seguida, no grupo que acabara de deixar, um homenzinho gordo, com uns grandes óculos de aros negros. Disse-me que era o enviado especial de um jornal de Paris: "Não veio, aliás, por sua causa. Mas como está encarregado de fazer uma reportagem sobre o parricida, pediram-lhe para se ocupar também do seu caso". Estive quase para lhe agradecer, mas pensei que seria ridículo. Fez-me com a mão um cordial gesto de despedida e deixou-nos. Esperámos ainda alguns minutos.

Por fim chegou o meu advogado, com o traje da ocasião, rodeado de muitos outros colegas. Dirigiu-se aos jornalistas e apertou várias mãos. Gracejaram, riram e tinham um ar perfeitamente à vontade até que tocou a campainha. Foram todos ocupar os seus lugares. O meu advogado veio ter comigo, apertou-me a mão e aconselhou-me a responder com brevidade às perguntas que me fizessem, a não tomar iniciativas e, quanto ao resto, a ter confiança nele.

Ouvi, à minha esquerda, o barulho de uma cadeira arrastada e vi um homem alto e magro, vestido de encarnado, com monóculo, que se sentava dobrando cuidadosamente a toga. Era o procurador. Um oficial de justiça veio anunciar os juizes. Ao mesmo tempo, dois grandes ventiladores começaram a girar. Os três juizes, dois de preto e o terceiro de vermelho, entraram com as pastas do processo e dirigiram-se muito depressa para a tribuna que dominava a sala. O homem da toga vermelha sentou-se na cadeira do meio, colocou a gorra em frente dele,

limpou o crânio sem cabelos com um lenço e declarou que estava aberta a sessão.

Os jornalistas tinham já as canetas na mão. Tinham todos o mesmo ar indiferente e um pouco trocista. Porém um deles, muito mais novo do que os outros, com um fato de flanela cinzenta e uma gravata azul, deixara a caneta em cima da mesa

e fitava-me. Na sua cara um pouco assimétrica, eu não via senão os olhos, muito claros, que me examinavam atentamente, sem nada exprimir de definível. E senti a estranha impressão de estar a ser examinado, não pelo que parecia, mas pelo que era realmente. Foi talvez por isso, e também porque não conhecia os hábitos dos tribunais, que não compreendi lá muito bem o que depois se passou, a tiragem à sorte dos jurados, as perguntas feitas pelo presidente ao advogado, ao procurador e ao júri (de cada vez, as caras dos membros do júri voltavam-se ao mesmo tempo para a tribuna dos juizes), uma rápida leitura do acto de acusação, onde reconheci nomes de lugares e de pessoas e novas perguntas, feitas ao meu advogado.

Mas o presidente disse que ia proceder à chamada das testemunhas. O bedel leu nomes que me despertaram a atenção. Do seio deste público informe, vi que surgiam, um a um, para em seguida desaparecerem por uma porta lateral, o velho Tomás Perez, Raimundo, Masson, Salamano e Maria. Esta fez-me um sinal ansioso. Ainda não desaparecera a surpresa de não os ter visto mais cedo, quando a última das testemunhas, o Celeste, se levantou. Reconheci ao lado dele a mulherzinha do restaurante, com o seu casaco e o seu ar exacto e decidido. Mas não tive tempo de pensar, pois o presidente tomou a palavra. Disse que os verdadeiros debates iam principiar e que julgava inútil recomendar calma ao público.

Na sua opinião, estava ali para dirigir imparcialmente os debates de um caso que queria considerar com toda a objectividade. A sentença dada pelo júri seria tomada com espírito de justiça e, se fosse preciso, mandaria evacuar a sala ao mínimo incidente.

O calor aumentava e reparei que, na sala, várias pessoas se abanavam com jornais. Isto provocava um barulho contínuo de papel amarrotado. O presidente fez um sinal e o bedel trouxe três leques de palha entrançada que os três juizes começaram imediatamente a utilizar.

O meu interrogatório começou quase imediatamente. O presidente fez-me as perguntas com um ar calmo e mesmo, pareceu-me, com um fio de cordialidade: Obrigaram-me outra vez a dizer a minha identidade e, apesar de isto já me estar a aborrecer, pensei que era no fundo natural, pois seria muito sério julgar um homem por outro. Em seguida o presidente

começou a descrever o que eu tinha feito, interpelando-me de três em três frases e perguntando: "Foi assim, não foi?" De cada vez, seguindo as instruções do meu advogado, respondi: "Sim, sr. Presidente". Isto durou muito tempo, pois o presidente relatava a história com todos os pormenores. Durante este tempo todo, os jornalistas escreviam. Eu sentia sobre mim os olhares do mais novo, assim como da mulher do restaurante. O banco do eléctrico estava todo ele, voltado para o presidente., Este tossiu, folheou o processo e voltou-se para mim, não deixando de se abanar.

Disse-me que ia agora abordar questões aparentemente estranhas ao meu caso, mas que talvez o tocassem de muito perto. Percebi que me iam outra vez falar da minha mãe e senti até que ponto isso me aborrecia.

Perguntou-me por que razão a mandara para o asilo. Respondi que era por que não ganhava o bastante para a ter comigo e para cuidar dela como devia ser. Perguntou-me se, pessoalmente, sofrera com o facto e respondi que nem a minha mãe, nem eu, esperávamos já alguma coisa um do outro, nem aliás de ninguém, e que os dois nos havíamos habituado às nossas novas vidas. O presidente disse então que não queria insistir neste ponto e perguntou ao procurador se tinha alguma pergunta a fazer-me.

Este estava quase de costas para mim e, sem me olhar, declarou que, com a autorização do presidente, gostava de saber se eu voltara à nascente com a intenção de matar o Árabe: "Não", respondi. "Então, porque estava ele armado e porque regressara precisamente, àquele lugar?" Repliquei que fora o acaso que lá me levara. E o procurador concluiu, com uma expressão malévola: "Por agora, é tudo". O que em seguida se passou foi um pouco confuso, pelo menos para mim. Mas depois de alguns conciliábulos, o presidente declarou a audiência suspensa e adiada até logo à tarde, para serem ouvidas as testemunhas.

Não tive tempo para pensar. Levaram-me, mandaram-me entrar

para o carro celular e fecharam-me outra vez na minha cela, onde almocei. Ao cabo de muito pouco tempo, apenas o bastante para perceber que me sentia cansado, vieram-me buscar, começou tudo outra vez de princípio, e dei comigo na mesma sala, diante das mesmas caras. Simplesmente o calor era muito maior e, como por milagre, cada um dos jurados, o procurador, o meu advogado e alguns jornalistas, estavam também munidos de leques de palha. O jovem jornalista e a mulherzinha continuavam nos mesmos lugares. Mas não se abanavam e continuavam a fitar-me em silêncio.

Enxuguei o suor que me cobria a cara e só retomei consciência do lugar e de mim mesmo, quando ouvi chamar o director do asilo. Perguntaram-lhe se a minha mãe se queixava de mim e ele disse que sim, mas que todos os pensionistas tinham um pouco a mania de se queixar da família. O presidente disse-lhe para especificar se ela me censurava por eu a ter metido no asilo e o director respondeu que sim. Mas desta vez, não acrescentou nada. A uma outra pergunta, redarguiu que a minha calma no dia do enterro o surpreendera. Perguntaram-lhe o que entendia ele por "calma". O director olhou então para as pontas dos sapatos e disse que eu não quisera ver o corpo da minha mãe, que não chorara uma única vez e que partira logo a seguir ao enterro, sem me recolher sequer uns momentos no cemitério. Espantara-o uma outra coisa: um empregado da Agência Funerária dissera-lhe que eu não sabia a idade da minha mãe. Houve uns instantes de silêncio e o presidente perguntou se era de facto a meu respeito que ele acabara de falar. Como o director não compreendesse a pergunta, disse-lhe: "a lei". Depois o presidente perguntou ao advogado de acusação se não tinha mais nenhuma pergunta a fazer à testemunha e o procurador respondeu: "Ah, não, isto já chega!", com uma tal veemência e um tal olhar de triunfo na minha direcção que, pela primeira vez há já muitos anos, tive uma vontade estúpida de chorar, porque senti até que ponto toda esta gente me detestava.

Depois de ter perguntado ao juri e ao meu advogado se queriam fazer algumas perguntas, o presidente chamou o porteiro do asilo. Para este, como para os outros, repetiu-se o mesmo cerimonial.

Ao aparecer, o porteiro olhou-me e depois afastou os olhos,

respondendo às perguntas que lhe dirigiram. Disse que eu não tinha querido ver a minha mãe, que tinha fumado, que tinha dormido e que tinha tomado café com leite. Senti então que qualquer coisa se levantava na sala e compreendi pela primeira vez que era culpado. Pediram ao porteiro para repetir a história do café com leite e a do cigarro. O advogado de acusação olhou-me com um brilho irónico no olhar. Nesse momento, o meu advogado perguntou ao porteiro se não tinha fumado também um cigarro comigo. Mas o procurador reagiu violentamente contra esta pergunta: "Quem é aqui o criminoso e que métodos são estes, que consistem em denegrir as testemunhas de acusação para lhes diminuir depoimentos que nem por isso ficam menos esmagadores?!"

Apesar de tudo, o presidente disse ao porteiro para responder à pergunta. O velho replicou, com um ar embaraçado: "Sei que não andei bem, mas não ousei recusar o cigarro que este senhor me ofereceu". Em última instância, perguntaram-me se queria acrescentar alguma coisa. "Nada", respondi, "a não ser que a testemunha fala verdade. É certo que Lhe oferecí um cigarro". O porteiro olhou-me um pouco espantado e com uma espécie de grati dão. Hesitou e em seguída disse que fora ele, que me oferecera café com leite. O meu advogado triunfou ruidosamente e declarou que os jurados saberiam formar a sua opinião. Mas o procurador, gritando mais alto, disse: "Sim. Os senhores jurados saberão formar a sua opinião. E não deixarão de concluir que um estranho podia oferecer café, mas que um filho devia recusá-lo diante do corpo daquela que o deu à luz". O porteiro regressou ao seu lugar.

Quando chegou a vez de Tomás Perez, um bedel teve que o ajudar a ocupar o lugar das testemunhas. Perez disse que conhecera sobretudo a minha mãe e que a mim, só me vira uma única vez, no dia do enterro. Perguntaram-lhe o que tinha eu feito nesse dia e ele respondeu: "Não sei se compreendem, mas eu estava com um grande desgosto. Por isso, não vi nada. O desgosto impedia-me de ver. Porque para mim, era um grande desgosto. Cheguei mesmo a desmaiar. Por isso, não pude ver este senhor". O advogado de acusação perguntou-lhe se, ao menos, me vira chorar. Perez respondeu que não.

O procurador disse por sua vez: "Os senhores jurados saberão formar a sua opinião". Mas nesta altura, o meu advogado

zangou-se. Perguntou ao velho Perez, num tom que se me afigurou exagerado "se tinha visto que eu não estava a chorar". Perez disse: "Não". O público riu-se. E o meu advogado, arregaçando uma das mangas, disse num tom peremptório: "Eis aqui a imagem deste processo. Tudo é verdade e nada é verdade". O procurador mostrava uma fisionomia fechada e rabiscava com o lápis nos papéis que tinha em frente.

Após cinco minutos de suspensão, durante os quais o meu advogado me disse que tudo corria pelo melhor, foi ouvido o Celeste, que era citado pela defesa: A defesa, era eu.

Celeste deitava, de tempos a tempos, olhares na minha direcção e rodava o panamá nas mãos. Trazia o fato novo que punha aos domingos, quando ia comigo às corridas de cavalos. Mas julgo que não conseguira pôr o colarinho, pois apenas um botão de metal lhe conservava a camisa fechada. Perguntaram-lhe se eu era seu cliente e ele respondeu: "Sim, mas era também meu amigo", o que pensava de mim, e ele respondeu que eu era um homem, o que queria dizer com isso, e ele declarou que toda a gente sabia o que isso queria dizer, se notara que eu era taciturno, e ele reconheceu apenas que eu não falava por falar. O advogado de acusação perguntou-lhe se eu pagava regularmente as minhas despesas. Celeste riu-se e declarou: "Isso era entre mim e ele". Perguntaram-lhe ainda o que pensava do meu crime. Pôs então as duas mãos na barra e via-se que preparara qualquer coisa. Disse: "Para mim, foi uma desgraça. Toda a gente sabe o que é uma desgraça. Pois bem, na minha opinião, foi uma desgraça". Ia continuar, mas o presidente disse que estava bem e que muito lhe agradecia. Celeste ficou um pouco atrapalhado. Mas declarou que queria dizer mais coisas. Pediram-lhe para ser breve. Voltou a repetir que era uma desgraça. E o presidente disse-lhe: "Está bem, estamos entendidos. Mas nós estamos aqui justamente para julgar as desgraças deste género. Muito obrigado". Como se tivesse chegado ao fim da sua ciência e da sua boa vontade, Celeste voltou-se então para mim. Parecia-me que tinha os olhos brilhantes e os lábios trémulos. Tinha o ar de perguntar a si mesmo o que poderia ainda fazer.

Quanto a mim, não disse nada, não esbocei um único gesto, mas foi a primeira vez na minha vida que tive vontade de beijar um

homem. O presidente disse-Lhe que se podia ir embora. Celeste foi sentar-se no seu lugar. Durante o resto da audiência ali se deixou ficar, um pouco inclinado para a frente, os cotovelos nos joelhos, o panamá nas mãos, escutando tudo o que se dizia.

Chegou a vez de Maria. Pusera um chapéu e estava muito bonita. Mas gostava mais dela com os cabelos soltos. Do sítio onde estava, eu adivinhava-lhe o peso ligeiro dos seios e reconhecia-lhe o lábio inferior, sempre um pouco inchado. Parecia muito nervosa. Perguntaram-Lhe imediatamente há quanto tempo me conhecia. Indicou a época em que trabalhava lá no escritório. O presidente quis saber que relações tinha comigo. Disse que era minha amiga. A uma outra pergunta, respondeu que, de facto, fazia tenção de casar comigo. O procurador, que folheava o processo, perguntou-lhe bruscamente quando começara a nossa ligação. Maria indicou a data. O procurador observou com um ar indiferente que lhe parecia ser apenas um dia depois da morte da minha mãe. Depois disse, com uma certa ironia, que não queria insistir numa situação delicada, que compreendia perfeitamente os escrúpulos de Maria (e aqui o tom da sua voz endureceu), mas que o seu dever o impelia a elevar-se acima das conveniências. Pediu-Lhe, por conseguinte, para resumir o dia em que se dera o nosso encontro. Maria não queria falar mas, em face da insistência do procurador, contou o nosso banho, a nossa ida ao cinema e o encontro em minha casa. O advogado de acusação disse que, em consequência das declarações de Maria durante a instrução do processo, consultara os programas dessa data. Acrescentou que a própria testemunha diria que filme tinham ido ver. Com uma voz trémula, Maria indicou que era um filme de Fernandel. Quando ela acabou, o silêncio na sala era completo. O procurador levantou-se então, muito sério e com uma voz que me pareceu autenticamente emocionada apontou o dedo para mim e articulou lentamente: "Meus senhores, um dia depois da morte da sua mãe, este homem tomava banhos de mar, iniciava relações com uma amante e ia rir às gargalhadas, num filme cómico.

Não tenho nada a acrescentar". Sentou-se, no meio do silêncio geral. De repente Maria começou a soluçar, exclamou que não era isso, que a obrigavam a dizer o contrário do que pensava, que me conhecia muito bem e que eu não tinha feito nada de

mal. Mas, a um sinal do presidente, o bedel levou-a e a audiência prosseguiu.

Depois disto, mal ouviram Masson declarar que eu era uma pessoa honesta, "direi mesmo mais, uma excelente pessoa". Mal escutaram Salamano, quando recordou que eu fora muito bom para o cão dele e quando respondeu a uma pergunta a meu respeito, dizendo que eu metera a minha mãe no asilo porque já não tinha nada a dizer-Lhe. "É preciso compreendê-lo, dizia Salamano, é preciso compreendê-lo". Mas ninguém parecia compreender-me. Levaram-no.

Chegou depois a vez de Raimundo, que era a última testemunha. Raimundo fez-me um pequeno sinal e disse imediatamente que eu estáva inocente. Mas o presidente lembrou-lhe que não lhe pediam apreciações, pediam-lhe factos. Convidou-o a esperar as perguntas e depois responder. Pediram-lhe que especificasse as suas relações com a vítima:

Raimundo aproveitou para dizer que era a ele, que o Árabe assassinado odiava, desde que lhe esbofeteara a ir mã. O presidente perguntou então se a vítima não tinha nenhuma razão para me odiar. Raimundo disse que a minha presença na praia fora um mero acaso. O procurador perguntou-lhe então porque é que, se assim era, a carta que estava na origem do drama, fora escrita para mim. Raimundo respondeu que fora também um acaso. O procurador retorquiu que o acaso tinha costas largas, nesta história toda. Quis saber se fora por acaso que eu não interviera quando Raimundo esbofeteara a amante, por acaso que servira de testemunha no comissariado, por acaso ainda que as minhas declarações nessa altura se tinham revelado sem fundamento sério. Para acabar, perguntou a Raimundo o que fazia na vida e, como este respondesse que era "lojista" o advogado de acusação declarou aos jurados que a testemunha exercia uma profissão mais do que duvidosa. Eu era seu cúmplice e amigo. Tratava-se de um drama crapuloso da pior espécie, agravado pelo facto de estarmos em presença de um monstro moral. Raimundo quis defender-se e o meu advogado protestou, mas disseram-lhes que deixassem o procurador acabar

o que estava a dizer. Este disse: "Pouco tenho a acrescentar. O acusado era seu amigo?", perguntou a Raimundo. "Sim, respondeu este, era meu amigo". O advogado de acusação fez-me então a mesma pergunta e eu olhei para Raimundo, que não

desviou os olhos. Respondi: "Sim". O procurador voltou-se então para o júri e declarou: "O mesmo homem que, um dia depois da mãe ter morrido, se entregava à mais vergonhosa devassidão, matou por razões fúteis e para liquidar um inqualificável caso crapuloso".

Voltou então a sentar-se. Mas o meu advogado, a paciência esgotada, gritou levantando os braços, de tal forma que as mangas, caindo para trás, descobriram as pregas de uma camisa engomada: "Enfim, estão a acusá-lo de ter assassinado um homem ou de Lhe ter morrido a mãe?"

O público riu-se. Mas o procurador levantou-se outra vez, ajustou a toga e declarou que era preciso ter a ingenuidade do ilustre defensor para não sentir que entre as duas ordens de factos, havia uma relação profunda, patética, essencial. "Sim, exclamou ele com força, acuso este homem de ter assistido ao enterro da mãe com um coração de criminoso".

Esta declaração parece ter provocado um efeito considerável sobre o juri e sobre o público. O meu advogado encolheu os ombros e limpou o suor que lhe cobria a testa. Mas ele próprio parecia abalado e compreendi nesta altura que as coisas não iam muito bem para mim.

Em seguida, tudo se passou muito depressa. A audiência foi suspensa. À saída do tribunal e ao subir para o carro, reconheci durante breves instantes o cheiro e o calor das tardes de verão. Na obscuridade da minha prisão rolante, reencontrei um a um, no fundo do meu cansaço, todos os ruídos familiares de uma cidade que eu amava e de uma certa hora em que tantas vezes me sentira contente. O pregão dos vendedores de jornais no ar já mais fresco, os últimos pássaros no largo, o grito dos vendedores de sandwiches, o queixume dos eléctricos nas curvas íngremes da cidade e este rumor do céu antes da noite tombar sobre o porto, tudo isto reconstituía aos meus olhos um cego itinerário que já conhecia muito antes de entrar para a prisão. Sim, era a hora em que, há muito, muito tempo, eu me sentia contente. O que então me aguardava,

era sempre um sono ligeiro e sem sonhos. E no entanto alguma
coisa se modificara, pois com a expectativa do dia seguinte,
foi a minha cela, que reencontrei enfim. Como se os caminhos
familiares traçados nas noites de verão pudessem conduzir,
tanto às prisões, como aos sonos inocentes.

IV

MEsMo do lugar dos réus, é sempre interessante ouvir
falar de nós mesmos. Durante os arrazoados do procurador e do
meu advogado, posso dizer que se falou muito de mim e talvez
até mais de mim, que do meu crime. Eram aliás assim tão
diferentes, estes discursos? O advogado levantava os braços e
pleiteava culpado, mas com atenuantes. O procurador estendia
as mãos e pleiteava culpado, mas sem atenuantes. No entanto,
uma coisa me incomodava vagamente. Apesar das minhas
preocupações, apetecia-me por vezes intervir e o meu advogado
dizia-me então: "Cale-se, para seu bem é melhor que se cale".

De algum modo, tinham todo o ar de tratar deste caso à margem
da minha pessoa. Tudo se passava sem a minha intervenção.
Jogava-se a minha sorte sem que me pedissem a opinião. De
tempos a tempos, tinha vontade de interromper toda a gente e
de dizer: "Mas quem é afinal o acusado? É importante ser o
acusado. E tenho coisas a dizer!" Mas, pensando bem, não tinha
nada a dizer. Devo reconhecer, aliás, que o interesse que se
tem em ouvir as pessoas, não dura muito tempo. Por exemplo, o
discurso do procurador depressa me fatigou. Apenas me
impressionaram ou despertaram a atenção alguns fragmentos,
gestos ou tiradas inteiras, mas desligadas do conjunto.

O fundo do seu pensamento, se bem o compreendi, é que o meu
crime fora premeditado. Pelo menos, tentou demonstrá-lo. Como
ele próprio dizia: "Darei a prova do que afirmo,, meus

senhores, e dá-la-ei duplamente. Sob a crua claridade dos
factos em primeiro lugar e em seguida sob a iluminação sombria
que me será fornecida pelo perfil psicológico desta alma
criminosa". Resumiu os factos a partir da mórte da minha mãe,
Relembrou a minha insensibilidade, a minha ignorância da idade
dela, o meu banho de mar, no dia seguinte, com uma mulher, o
cinema, Fernandel e por fim o caso com Maria. Levei tempo a
compreender nesse momento, porque dizia "a amante" e para mim,
ela chamava-se Maria. Chegou, em seguida, à história de
Raimundo. Achei que tinha uma maneira de ver as coisas
bastante clara. O que dizia não deixava de ser plausível. Eu
escrevera a carta de combinação com Raimundo para atrair a
amante deste e a entregar aos maus tratos de um homem "de
moralidade duvidosa". Provocara, na praia, os adversários de
Raimundo. Este ficara ferido. Eu pedira-lhe o revólver.
Voltara atrás para me servir dele, sozinho. Tal como
projectara, dera depois cabo do Árabe. Disparara uma vez.
Esperara. E, "para ter a certeza de que o trabalho ficara bem
feito", disparara mais quatro tiros, calmamente,
conscientemente, pela certa. "E aqui está, meus senhores,
disse o advogado de acusação. Acabo de traçar o fio dos
acontecimentos que levaram este homem a matar com pleno
conhecimento de causa. Insisto neste ponto. Pois não se trata
de um crime banal, de um acto impensado que poderia ser
atenuado por certas circunstâncias.

Este homem, meus senhores, é um homem inteligente. Ouviram-no
falar, não é verdade? Sabe responder. Conhece o valor das
palavras. E não se pode dizer que tenha agido sem dar pelo que
estava a fazer".

Eu ouvia, e percebia que me consideravam inteligente. Mas
não compreendia por que motivo as qualidades de um homem
vulgar podiam erguer-se esmagadoramente contra um culpado. Era
isto, pelo menos, o que mais me impressionava e deixei de
ouvir o procurador até ao momento em que o ouvi dizer:
"Podemos dizer, em sua defesa, que este homem exprimiu algum
arrependimento? Nunca, meus senhores. Nem uma só vez no
decurso da instrução do processo, pareceu emocionado com o seu
crime abominável". Nesse momento voltou-se para mim e
apontou-me com o dedo, continuando a fulminar-me, sem que na

realidade eu compreendesse muito bem porquê. Não posso deixar de reconhecer, sem dúvida, que ele tinha razão. Não me arrependia muito do que tinha feito. Mas espantava-me uma atitude tão encarniçada. Gostaria de lhe poder explicar cordiálmente, quase com afeição, que nunca me arrependera verdadeiramente de nada. Estava sempre dominado pelo que ia acontecer, por hoje ou por amanhã. Mas evidentemente, no estado a que me haviam levado, não podia falar a ninguém neste tom. Não tinha o direito de me mostrar afectuoso, de ter boa vontade. E tentei continuar a escutar, pois o procurador começou a falar da minha alma.

Dizia que se debruçara sobre ela e que nada encontrara, senhores jurados. Dizia que, em boa verdade, eu não tinha alma e que nada de humano, nem um único dos princípios morais que existem no coração dos homens, me era acessível. "Não poderíamos sem dúvida censurar-lhe uma coisa destas, acrescentou. O que ele não teria possibilidades de adquirir, não podemos queixar-nos de que Lhe falte. Mas no que se refere a este caso, a verdade negativa da tolerância deve transformar-se na virtude menos fácil, mas mais elevada, da justiça. Sobretudo quando o vazio de um coração como o que descobrimos neste homem se torna num abismo onde a sociedade pode sucumbir". Foi então que começou a falar outra vez da minha atitude para com a mãe.

Repetiu o que já dissera durante os debates. Mas falou muito mais longamente nisto, do que a respeito do crime, tão longamente que, a certa altura, passei a sentir apenas o calor do dia. Até ao instante, pelo menos, em que o advogado de acusação se deteve e, depois de um momento de silêncio, continuou numa voz baixa e compenetrada: "Este mesmo tribunal, meus senhores, vai julgar amanhã o mais abominável dos crimes: o assassínio de um pai". Na opinião dele, a imaginação recuava diante deste atroz atentado. Ousava esperar que a justiça dos homens saberia castigar sem piedade. Mas não receava afirmar que o horror que esse crime Lhe inspirava quase cedia diante da minha insensibilidade. Ainda na opinião dele, um homem que matava moralmente a mãe devia ser afastado da sociedade dos homens, exactamente como aquele que levantava uma mão criminosa contra o autor dos seus dias. Em todos os casos, o primeiro preparava os actos do segundo, anunciava-os de algum

modo e legitimava-os. "Estou persuadido, meus senhores, acrescentou elevando a voz, de que não acharão o meu pensamento excessivamente audacioso, se lhes disser que o homem ali sentado naquele banco é igualmente culpado do crime que o tríbunal vai julgar amanhã.

E como tal deverá ser castigado". Aqui, o procurador enxugou a cara brilhante de suor. Disse por fim que o seu dever era doloroso, mas que o cumpriria firmemente. Declarou que eu nada tinha a fazer numa sociedade cujas regras mais essenciais desconhecia e que eu não podia apelar para o coração dos homens, cujas reacções elementares ignorava. "Peço-vos a cabeça deste homem, disse, e é sem escrúpulos que vos dirijo este pedido. Pois no decurso da minha longa carreira, tem-me acontecido pedir várias penas de morte, mas nunca como hoje, eu senti este penoso dever tão compensado, equilibrado, iluminado pela consciência de um imperativo sagrado e pelo horror que tenho a esta fisionomia humana onde nada leio que não seja monstruoso". Quando o procurador se sentou, houve uns longos momentos de silêncio. Quanto a mim, sentia-me atordoado pelo calor e pelo espanto. O presidente tossiu um pouco e, em voz não muito alta, perguntou-me se eu queria acrescentar alguma coisa. Levantei-me e, como tinha vontade de falar,

disse, aliás um pouco ao acaso, que não tinha tido intenção de matar o Árabe. O presidente respondeu que era uma afirmação, que até aqui não percebia lá muito bem o meu sistema de defesa e que gostaria, antes de ouvir o meu advogado, que eu especificasse os motivos que inspiraram o meu acto. Redargui rapidamente, misturando um pouco as palavras e consciente do ridículo, que fora por causa do sol. Houve risos na sala. O meu advogado encolheu os ombros e, logo a seguir, deram-Lhe a palavra. Mas ele declarou que era tarde, que precisava de muito tempo e que pedia o adiamento até logo à tarde. O tribunal concordou.

À tarde, os grandes ventiladores continuavam a agitar a atmosfera espessa da sala, como os leques multicolores dos

jurados continuavam a ser abanados na mesma direcção. O discurso do meu advogado parecia não ter fim. Num momento dado, no entanto, ouvi-o dizer: "É certo que matei". Depois prosseguiu no mesmo tom, dizendo "eu", cada vez que falava de mim. Eu estava muito admirado. Debrucei-me para um dos polícias e perguntei-Lhe porquê. Mandou-me calar e, instantes depois, acrescentou: "Todos os advogados fazem o mesmo". Mas a mim, parecia-me que isso era afastar-me ainda um pouco mais do caso, reduzir-me a zero e, de um certo ponto de vista, substituir-se à minha pessoa. O certo é que eu, no fim de contas, estava já muito longe deste tribunal. O meu advogado, aliás, pareceu-me ridículo. Depois de ter falado rapidamente da provocação, pôs-se igualmente a falar da minha alma. Mas creio que tinha muito menos talento do que o procurador. "Também eu, afirmou, me debrucei sobre esta alma, mas ao contrário do eminente representante do Ministério Público, encontrei alguma coisa e posso dizer que li como num livro aberto". Lera que eu era um bom homem, um trabalhador metódico, infatigável, fiel à casa que me empregava, amado por todos, comparticipando das misérias dos outros. Para ele, eu era um filho modelo, que sustentara a mãe até mais não poder. Finalmente, esperara que uma casa de recolhimento desse à velha senhora o conforto que os meus meios não permitiam oferecer-lhe. "Muito me espanto, acrescentou, que tenham feito tanto barulho em volta desse asilo. Porque afinal, se fosse preciso dar uma prova da utilidade e da grandeza destas instituições, teríamos que acentuar que são subvencionadas pelo próprio Estado".

Não falou, porém, no enterro e eu senti que isto era uma lacuna da defesa. Mas por causa de todas estas extensas frases, de todos estes dias e horas intermináveis durante os quais tanto se tinha falado da minha alma, tive a impressão que tudo se transformava como que numa água incolor que me causava vertigens.

Para o fim, lembro-me unicamente de que na rua e através de todo o espaço das salas e das tribunas, enquanto o meu advogado continuava a falar, eu ouvia a buzina do vendedor de gelados. Assaltaram-me as recordações de uma vida que já não me pertencia, mas onde encontrara as mais pobres e as mais tenazes das minhas alegrias: odores do verão, do bairro que eu

amava, um certo céu ao anoitecer, o riso e os vestidos de
Maria. Tudo quanto neste lugar eu fazia de inútil subiu-me
então à garganta e só tive uma pressa: acabar depressa com
isto e voltar à minha cela, onde ia poder dormir. Mal ouvi o
advogado gritar, para concluir, que os jurados não quereriam
certamente condenar à morte um trabalhador honesto, perdido
por um minuto de desvario, e pedir as circunstâncias
atemuantes para um crime cujo remorso eterno,

o mais severo dos castigos, eu trazia já comigo. O tribunal
suspendeu a audiência e o advogado sentou-se, com um ar
estafado. Mas os colegas foram nesta altura apertar-lhe a mão.
Ouvi:
"Esplêndido, meu caro". Um deles voltou-se mesmo para mim,
como a pedir a minha opinião: "Hem?" Assenti, mas não era
sincero, porque estava extremamente cansado.

No entanto a hora declinava, lá fora, e o calor não era tão
grande. A certos barulhos da rua que chegavam até mim,
adivinhava já a doçura do fim de tarde. Estávamos ali, todos,
à espera. E o que esperávamos todos juntos, na realidade só me
dizia respeito a mim. Voltei a olhar para a sala.

Estava tudo no mesmo estado do primeiro dia.

Cruzei com os olhares do jornalista de cinzento e da
mulher-autómato. Isto lembrou-me que, durante todo o processo,
não olhara uma única vez para Maria. Não a esquecera, mas
estivera muito ocupado. Estava entre Celeste e Raimundo.
Fez-me um pequeno sinal, como se dissesse: "Enfim!" e vi
surgir um sorriso, na sua cara anciosa. Mas sentia-me com o
coração fechado, e nem sequer fui capaz de Lhe corresponder ao
sorriso.

Os juizes regressaram. Leram aos jurados, muito depressa,
uma série de pontos principais do processo. Ouvi "culpado de
crime"... "provocação"... "circunstâncias atenuantes". Os
jurados saíram e levaram-me para a salinha onde já tinha
estado à espera. O meu advogado veio ter comigo: estava muito
eloquente e falou-me com mais confiança e mais cordialidade do

que nunca. Pensava que tudo correria bem e que me saíria com alguns anos de prisão. Perguntei-lhe se havia probabilidades de derrogação, no caso de uma sentença desfavorável. Respondeu que não. A táctica que seguira, fora a de não indispor o júri. Explicou-me que não se derroga um processo sem mais nem menos, por nada! Isto pareceu-me evidente e inclinei-me diante destas razões. Considerando friamente a coisa, era perfeitamente natural. Caso contrário, haveria uma sobrecarga de papeladas inúteis. "De todos os modos, disse-me o meu advogado, pode-se apelar. Mas estou convencido de que o desfecho será favorável".

Esperámos muito tempo, julgo que bem uns três quartos de hora: Ao fim deste tempo, retiniu a campainha. O meu advogado deixou-me, dizendo: "O presidente do júri vai ler as respostas. Só o mandarão entrar quando a sentença for pronunciada". Ouviram-se portas a bater. Corriam pessoas por escadas abaixo, não sei se longe, se perto de onde eu estava. Depois escutei uma voz surda ler qualquer coisa na sala. Quando a campainha tocou e que a porta se abriu, subiu até mim o silêncio da sala, o silêncio e a singular sensação que experimentei quando olhei para o jovem jornalista e reparei que pela primeira vez afastava os olhos de mim. Não olhei para o lado de Maria. Não tive tempo, aliás, pois o presidente disse-me de um modo estranho que me cortariam a cabeça numa praça pública em nome do povo francês. Pareceu-me então reconhecer o sentimento que lia em todas as caras. Julgo que era a consideração. Os polícias mostravam-se muito amáveis comigo. O advogado pôs-me a mão num pulso. Já não conseguia pensar. Mas o presidente perguntou se eu queria declarar alguma coisa. Reflecti. Disse: "Não". Foi então que me levaram.

V

RECUSEI-ME, pela terceira vez, a receber o capelão. Não tenho nada a dizer-lhe, não me apetece falar, tenho muito tempo para o ver. O que neste momento me interessa, é fugir à engrenagem, saber se o inevitável pode ter uma saída. Mudaram-me de cela. Desta, quando me estendo na cama, vejo o

céu, apenas o céu. Os meus dias inteiros, passo-os a olhar na sua face, o declínio das cores que conduz o dia à noite. Deitado, ponho as mãos debaixo da cabeça e espero. Já não sei quantas vezes perguntei a mim próprio se havia exemplos de condenados à morte que tivessem escapado ao mecanismo implacável, desaparecido antes da execução e fugido ao cordão de polícias.

Censurava-me por não ter prestado atenção suficiente às histórias de execuções. Devíamos interessar-nos sempre por estas questões.. Nunca se sabe o que pode acontecer. Lera, como toda a gente, reportagens sobre o assunto. Mas havia com certeza livros especializados, que nunca tivera a curiosidade de consultar. Talvez aí eu pudesse ter achado narrativas de evasões. Poderia ter sabido que, pelo menos num caso, a rõda se tinha detido e que, nesta irresistível precipitação, o acaso e a sorte, uma única vez, haviam desempenhado um papel. Uma única vez! Por um lado, creio bem que isto me chegaria. O meu coração faria o resto. Os jornais falam muitas vezes de uma dívida para com a sociedade. Para eles, era preciso pagá-la. Mas isto não diz nada à imaginação. O que contaria, seria uma possibilidade de fuga, um salto para fora do rito implacável, uma louca corrida, com todas as probabilidades da esperança. A esperança, possivelmente, seria ser abatido em plena corrida, por uma bala. Mas, bem vistas as coisas, nada me permitia este luxo, tudo mo proibia, a engrenagem reconquistava-me.

Apesar da minha boa vontade, eu não era capaz de aceitar esta certeza insolente. Por que afinal de contas, existia uma ridícula desproporção entre o julgamento que a fundamentara e o seu imperturbável desenvolvimento, a partir do instante em que a sentença fora pronunciada. O facto de a sentença ter sido lida, não às cinco da tarde, mas às oito horas da noite, o facto de que podia ter sido outra completamente diferente, de que fora resolvida por homens que mudam de roupa de baixo e de que fora dada em nome de uma noção tão imprecisa como o povo francês (ou alemão, ou chinês), tudo isto me parecia tirar seriedade a uma decisão tão grave. Era obrigado a reconhecer, no entanto que, a partir do instante em que fora tomada, os seus efeitos se tornavam tão certos, tão sérios como a presença desta parede ao longo da qual eu me estendia.

Lembrei-me nestes momentos de uma história que a mãe costumava contar-me, a respeito do meu pai. Eu nunca o conhecera. Tudo o que sabia de preciso a respeito deste homem, era talvez o que a minha mãe então me dizia: fora assistir á execução de um assassino. A ideia de ir punha-o doente.

Mas não deixara de ir, e à volta vomitara durante quase todo o dia. Isto desgostava-me dele. Agora, porém, compreendia-o, a reacção era tão natural... Como não percebera eu que não havia nada mais importante do que uma eXecução capital e que, sob um determinado ponto de vista, era mesmo a única coisa verdadeiramente interessante para um homem?! Se por acaso saísse da prisão, iria assistir a todas as execuções capitais. Fazia mal, julgo eu, em pensar nesta possibilidade. Pois à ideia de me ver livre uma destas manhãs, atrás de um cordão de polícias e do outro lado, à ideia de ser o espectador que veio assistir, uma onda de alegria envenenada me subia ao coração. Mas não era razoável. Andava mal em abandonar-me a estas suposições porque, uns instantes depois, vinha-me um frio tão horrível, que tinha que me encolher debaixo dos cobertores e batia os dentes sem conseguir dominar-me.

Evidentemente, nem sempre nos podemos manter razoáveis. Outras vezes, por exemplo, fazia projectos de lei. Reformava os castigos a aplicar. Observara já que o essencial era dar ao condenado uma oportunidade. Para as coisas correrem melhor,

bastava uma sobre mil. Parecia-me, por conseguinte, que se podia obter um composto químico cuja absorção mataria o paciente nove vezes em dez. Este estaria a par de tal possibilidade. Porque, pensando bem, considerando as coisas com calma, verificava que o que havia de defeituoso na guilhotina era não existir nenhuma possibilidade de salvação, absolutamente nenhuma. A morte do paciente, em suma, era decidida de uma vez para sempre. Era um caso arrumado,. uma combinação que não mais se podia desfazer, um acordo resolvido e sobre o qual não se podia voltar atrás.

Se, por excepção, o maquinismo falhava, recomeçava-se do

princípio. Como consequência, o aborrecido é que isto levava o
condenado a desejar o bom funcionamento da máquina. Digo que é
o lado defeituoso da coisa. O que, num determinado sentido, é
verdade. Mas por outro lado, via-me obrigado a reconhecer que
residia aí todo o segredo da boa organização. Numa palavra, o
condenado sentia-se obrigado a colaborar moralmente. Era do
seu interesse que tudo marchasse sem empenos. Via-me também
obrigado a verificar que até aqui tinha tido sobre todos estes
problemas, ideias que não eram certas.

Julguei durante muito tempo - não sei porquê - que para ir à
guilhotina era preciso subir uns degraus. Creio que por causa
da Revolução de 1789, quer dizer, por causa de tudo quanto me
ensinaram ou me mostraram em semelhante matéria. Mas veio-me à
ideia numa destas manhãs, a fotografia de uma execução
retumbante, publicada nos jornais da época. Na realidade a
máquina estava simplesmente no chão. Era muito mais estreita
do que eu julgava. É engraçado como não me lembrei disto há
mais tempo. Na fotografia, a máquina impressionara-me como uma
obra de precisão, brilhante e acabada. Exageramos sempre as
coisas que não conhecemos. Verifiquei,ao contrário, que era
tudo muito simples: a máquina estava ao mesmo nível do que o
homem que para ela se dirige. Vai ter com ela, precisamente
como iria ter com uma pessoa. Sob um dado aspecto, também isto
era aborrecido. A imaginação poderia agarrar-se à subida ao
cadafalso, à ascenção para o céu. Enquanto aqui, o maquinismo
mais uma vez esmagava tudo: era-se morto discretamente, talvez
com um pouco de vergonha, mas com muita precisão.

Havia duas coisas que nunca me saíam da cabeça: a madrugada
da execução e o recurso da sentença. Não deixava, no entanto,
de discutir comigo mesmo e de tentar pensar noutras coisas.
Estendia-me, olhava através da janela, procurava interessar-me
pelo que via. O céu tornava-se verde, a noite chegava.
Voltava a fazer um esforço para mudar o curso dos meus
pensamentos. Punha-me a escutar o coração. Não era capaz de
imaginar que este barulho compassado que me acompanhava há
tanto tempo podia um dia cessar. Nunca tive verdadeira
imaginação. Mas tentava imaginar, não obstante, o segundo em
que o batimento do coração já se me não prolongaria na cabeça.
Em vão. A madrugada e o recurso não me abandonavam. Acabava
por chegar à conclusão que o mais razoável era ainda não me

tentar dominar.
Sabia que vinham de madrugada. Ocupei as minhas noites, em suma, a esperar por esta madrugada. Nunca gostei que me surpreendessem. Quando me acontece alguma coisa, prefiro estar presente: Eis porque, no final, acabei por dormir um pouco de dia, enquanto, durante toda a noite, esperava pacientemente que a luz nascesse no negro do céu.

O mais difícil, era a flora duvidosa em que eles geralmente operavam. Depois da meia-noite, esperava e escutava. Nunca a minha orelha sentiu tantos ruídos e distinguiu sons tão ténues. Aliás posso afirmar que, de certo modo, tive sorte durante todo este período, pois nunca cheguei a ouvir passos. A mãe costumava dizer que nunca se é completamente infeliz. Mesmo na prisão continuava a concordar com ela, quando o céu se coloria e que um novo dia entrava na minha cela. Porque, logo que ouvisse passos, o meu coração era capaz de rebentar. Mesmo se o mínimo som me atirasse de encontro à porta, mesmo se, a orelha colada à madeira, eu esperasse desvairadamente até ouvir a minha própria respiração, assustado por a achar tão rouca, e se, tal a agonia de um cão, ao fim desse período o meu coração rebentasse, tinha ganho ao menos mais vinte e quatro horas.
Durante todo o dia, podia pensar no recurso da sentença. Julgo que tirei o melhor partido possível desta ideia. Calculava os meus efeitos e obtinha assim destas reflexões o melhor dos rendimentos.
Começava sempre pela suposição mais pessimista:
o recurso é rejeitado. "Pois bem, morrerei". Mais cedo do que os outros, mas sabem que a vida não vale a pena ser vivida. No fundo, não ignorava que morrer aos trinta, aos setenta anos tanto faz, pois em qualquer dos casos outros homens e outras mulheres viverão, e isto durante milhares de anos. No fim de contas isto era claro como a água. Hoje ou daqui a vinte anos, era à mesma eu que morria. Neste momento, o que me incomodava um pouco no meu raciocínio era esse frémito terrível que me percorria, ao pensar nesses vinte anos para a frente. O que tinha a fazer, era abafar esta sensação, imaginando o que seriam os meus pensamentos daqui a vinte anos, quando chegasse outra vez à hora da morte. Desde o momento que se morre, é evidente que não importa como e

quando. Portanto - e o difícil era não perder de vista o que este "portanto" representava no meu raciocínio - portanto, o melhor era aceitar a rejeição do meu recurso.

Neste momento, apenas neste momento, conquistava, por assim dizer o direito, dava a mim mesmo licença de abordar a segunda hipótese: a de anularem a sentença capital. O maçador, era que tinha de tornar menos fogoso esse impulso do sangue e do corpo

que me picava os olhos e me comunicava uma alegria insensata. Era preciso que me aplicasse a reduzir esse grito, a vencê-lo pela lógica. Era preciso que eu estivesse natural, mesmo nesta hipótese, para tornar mais plausível a minha resignação na primeira hipótese. Quando o conseguia, ganhara uma hora de calma. E isto era importante.

Foi num momento assim que mais uma vez me recusei a receber o padre da prisão. Estava estendido e adivinhava a chegada da noite de verão a uma certa tonalidade loira do céu. Acabava de rejeitar o recurso e podia sentir as ondas do sangue circularem regularmente no meu corpo. Não tinha necessidade nenhuma de receber o capelão. Pela primeira vez, há muito tempo, pensei em Maria. Há muitos dias que não me escrevia. Pus-me a pensar, e disse de mim para mim que ela talvez se tivesse cansado de ser a amante de um condenado à morte. Veio-me à cabeça que ela era capaz de estar doente ou de ter morrido, o que pertencia à ordem das coisas. Como o poderia eu saber, aliás, já que, além dos nossos corpos agora separados, nada nos ligava, nada nos lembrava um ao outro. A partir desse momento, a recordação de maria passaria a ser-me indiferente. Morto, deixava de interessar. Afigurava-se-me normal esta atitude, assim como compreendia muito bem que as pessoas me esquecessem depois da minha morte. Já não tinham nada a fazer comigo. Nem sequer podia dizer que me custava pensar em semelhante possibilidade. Não há, no fundo, nenhuma ideia a que não nos habituemos.

Foi neste instante preciso que o capelão entrou na minha cela. Quando o vi, senti um pequeno estremecimento. Ele deu por isso e disse-me para não ter medo. Redargui que, habitualmente, o capelão vinha noutra altura. Respondeu-me que era uma visita amigável, que nada tinha a ver com o meu recurso, a respeito do qual nada sabia: Sentou-se na minha cama e convidou-me a ir para o pé dele. Recusei-me. Achei que

tinha, no entanto, um ar muito doce.
Ficou uns momentos sentado, os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça baixa, a olhar para as mãos. Estas eram finas e musculosas, lembravam-me dois animais ágeis: Esfregou-as lentamente:uma contra a outra. Depois assim ficou, sempre de cabeça baixa, durante tanto tempo que, por instantes, tive a impressão de o ter esquecido.

Mas pouco depois levantou bruscamente a cabeça e olhou-me de frente: "Porque recusa as minhas visitas?" Respondi que não tinha fé. Quis saber se tinha a certeza e eu respondi que não valia a pena fazer-me essa pergunta. Deixou-se cair para trás e encostou-se à parede, as mãos postas em cima das coxas. Quase sem ter o ar de me falar, observou que às vezes nos julgávamos certos de alguma coisa quando, na realidade, não tínhamos certeza nenhuma. Eu não dizia nada. Olhou-me e interrogou-me: "Qual é a sua opinião a este respeito?" Repliquei que era possível. Em todo o caso, eu não estava talvez certo do que realmente me interessava, mas estava certo do que não me interessava. E justamente, este assunto era dos que não me interessavam. Afastou os olhos e, sempre sem mudar de posição, perguntou-me se eu não falava assim por excesso de desespero. Expliquei-lhe que não me sentia desesperado. Tinha apenas medo, como era natural. "Deus o ajudará, afirmou então. Todos os que conheci no seu caso se voltavam para ele". Reconheci que estavam no seu direito. Isso provava também que tinham tempo. Quanto a mim, que ninguém me ajudasse e justamente faltava-me tempo para me interessar pelo que não me interessava.
Neste momento, esboçou com as mãos um gesto de irritação, mas levantou-se e arranjou as pregas da sotaina. Quando acabou, dirigiu-me a palavra. tratando-me por "meu amigo": se me falava desta forma, não era por eu ser um condenado à morte, na sua opinião, todos nós éramos condenados à morte. Mas eu interrompi-o, dizendo que não era a mesma coisa e que, de qualquer modo, não me consolava com isso. "Decerto, aprovou ele. Mas se não morrer agora, morrerá mais tarde: Voltará a pôr-se o mesmo problema. Como irá abordar a terrível prova?" Respondi que a abordaria exactamente como agora.
Ouvindo isto levantou-se e fitou-me nos olhos: Era uma experiência que eu bem conhecia. Realizava-a muitas vezes com

Manuel ou com Celeste e, em geral, eram eles quem desviavam os olhos. Percebi logo que o capelão também a conhecia perfeitamente: o olhar não lhe tremia. E a voz também não Lhe tremia, quando disse:

164 165

"Não tem então nenhuma esperança e consegue viver com o pensamento de que vai morrer inteiramente?" "Sim", respondi eu. Baixou então a cabeça e voltou a sentar-se. Disse que me lamentava. Achava que tal atitude era impossível de suportar. Quanto a mim, começava a estar cansado. Desviei-me por minha vez e fui pôr-me debaixo da clarabóia. Estava encostado à parède. Sem o seguir com muita atenção, percebi que recomeçava a interrogar-me. Falava com uma voz inquieta e apressada. Compreendi que estava emocionado e escutei-o melhor.

Dizia-me ter a certeza de que o meu recurso seria aceite, mas que levava aos ombros o peso de um pecado de que devia desembaraçar-me. Na opinião dele, a justiça dos homens não era nada e a justiça de Deus era tudo. Observei que fora a primeira que me condenara. Respondeu-me que ela nem por isso me lavara do meu pecado. Disse-lhe então que não sabia muito bem o que era um pecado. Tinham-me apenas dito que era culpado. Se estava culpado, ia pagá-lo e nada mais me podiam pedir. Neste momento levantou-se e eu pensei que, nesta cela tão estreita, se quisesse mover-se, não tinha por onde escolher: Só podia era sentar-se.

166

Eu olhava para o chão. O padre deu um passo para mim e deteve-se, como se não ousasse avançar: Olhava o céu através das grades. "Está enganado, meu filho, disse ele, poderiam pedir-lhe ainda mais. E talvez lho peçam. - Mas o quê? - Poderiam pedir-lhe para ver. - Ver o quê?" O padre olhou em sua volta e respondeu, com uma voz subitamente muito fatigada: "Sei que todas estas pedras suam dor. Mas, no fundo do coração, sei também que os mais miseráveis de vós viram sair da obscuridade uma face divina.

É esta face que Lhe pedem para ver".

Animei-me um pouco. Disse-lhe que olhava estas paredes há

meses e meses. Não havia nada no mundo que eu conhecesse melhor. Talvez, de facto, há muito tempo, eu houvesse procurado nelas uma face. Mas essa face tinha a cor do céu e a chama do desejo: era a de Maria. Procurara-a em vão. Agora, acabara-se. E, em qualquer caso,.

nunca vira esse suor surgir da pedra.

O capelão olhou-me com uma espécie de tristeza. Eu estava agora completamente encostado à parede.

O dia escorria-me pela testa. Disse algumas palavras que não percebi e pediu-me, muito depressa, se podia abraçar-me: "Não", respondi. Voltou-se de costas e dirigiu-se para a parede, sobre a qual passou lentamente a mão. "Gosta assim tanto desta terra?" Não respondi nada.

Deixou-se ficar voltado muito tempo. A sua presença pesava-me e irritava-me. Ia dizer-lhe para se ir embora, quando, virando-se para mim, exclamou de repente: "Não, não posso acreditá-lo. Tenho a certeza de que já lhe aconteceu desejar uma outra vida". Respondi-lhe que com certeza, mas isso era o mesmo do que desejar ser rico, nadar muito depressa ou ter uma boca mais bem feita. Era da mesma ordem. Mas ele deteve-me e quis saber como imaginava eu essa outra vida. Repliquei: "Uma vida onde me pudesse lembrar desta vida,". E disse-lhe que já bastava. Queria continuar a falar destas coisas, mas eu avancei para ele e expliquei-Lhe pela última vez que já não tinha muito tempo à minha frente. Não queria perdê-lo com discussões. Tentou mudar de assunto, perguntando-me por que motivo eu o tratava por "senhor", e não por "meu pai". Isto enervou-me e respondi que ele não era meu pai: e estava do lado dos outros.

"Não, meu filho, disse ele pondo-me a mão no ombro. Estou ao seu lado, mas não o pode saber, porque o seu coração está cego. Rezarei por si". Então, não sei porquê, qualquer coisa rebentou dentro de mim. Pus-me a gritar em altos berros e insultei-o e disse-Lhe para não rezar e que, mesmo que houvesse um Inferno não me importava, pois era melhor ser queimado no fogo do que desaparecer. Agarrara-o pela gola da sotaina. Atirava para cima dele todo o fundo do meu coração com impulsos de alegria e de cólera. Tinha um ar tão confiante, não tinha? Mas nenhuma das suas certezas valia um cabelo de mulher. Nem sequer tinha a certeza de estar vivo, já

que vivia como um morto. Eu, parecia ter as mãos vazias. Mas estava certo de mim mesmo, certo de tudo, mais certo do que ele, certo da minha vida e desta morte que se aproximava. Sim, não sabia mais nada do que isto. Mas ao menos segurava esta verdade, tanto como esta verdade me segurava a mim. Tinha tido razão, tinha ainda razão, teria sempre razão. Vivera de uma dada maneira e poderia ter vivido de outra dada maneira.

Fizera isto e não fizera aquilo. Não fizera uma coisa e fizera outra. E depois? Era como se durante este tempo todo tivesse estado à espera deste minuto...
e dessa madrugada em que seria justificado. Nada, nada tinha importância e eu sabia bem porquê.

Também ele, sabia porquê. Do fundo do meu futuro, durante toda esta vida absurda que eu levara, subira até mim através dos anos que ainda não tinham chegado, um sopro obscuro, e esse sopro igualava na sua passagem tudo o que me propunham nos anos, não mais reais, em que eu vivia. Que me importava a morte dos outros, o amor de uma mãe, que me importava o seu Deus, as vidas que se escolhem, os destinos que se elegem já que um só destino podia eleger-me a mim próprio e, comigo, milhares de privilegiados que, diziam como ele, ser meus irmãos? Compreendia, compreendia o que eu queria dizer? Toda a gente era privilegiada. Só havia privilegiados. Também os outros seriam um dia condenados. Também ele seria um dia condenado. Que importava se, acusado de um crime, era executado por não ter chorado no enterro da minha mãe? O cão de Salamano valia tanto como a mulher dele. A mulher autómato era tão culpada como a Parisiense que não se casara ou como Maria, que queria que eu casasse com ela. Que importava que fosse meu amigo, ao mesmo título que CEleste,-:: valia mais do que ele? Que importava que oferecesse hoje a sua boca a um novo Meursault? Compreendia, compreendia ele este condenado? E que do fundo do meu futuro... quase atabafava, ao gritar estas coisas. Mas já me arrancavam o padre das mãos, já os guardas me ameaçavam. Foi ele, no entanto, quem os acalmou. Olhou-me uns instantes em silêncio. Tinha os olhos cheios de lágrimas. Voltou-se e foi-se embora.

Sentia-me agora outra vez calmo. Estava estafado e deixei-me cair sobre a cama. Julgo que dormi, pois acordei com estrelas por sobre a minha cabeça. Subiam até mim ruídos do campo.

Cheiros da noite da terra e do sol refrescavam-me as fontes. A
paz maravilhosa deste verão adormecido entrava em mim como uma
maré. Neste momento, e no limite da noite, soaram apitos.
Anunciavam possivelmente partidas para um mundo que me era
para sempre indiferente. Pela primeira vez, há muito tempo,
pensei na minha mãe. Julguei ter compreendido porque é que,

no fim de uma vida, arranjara um "noivo", porque é que fingira
recomeçar. Também lá, em redor desse asilo onde as vidas se
apagavam, a noite era como uma treva melancólica. Tão perto da
morte, a minha mãe deve ter-se sentido libertada e pronta a
tudo reviver. Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar sobre
ela. Também eu me sinto pronto a tudo reviver. Como se esta
grande cólera me tivesse limpo do mal, esvaziado da esperança,
diante desta noite carregada de sinais e de estrelas, eu
abria-me pela primeira vez à terna indiferença do mundo. Por o
sentir tão parecido comigo, tão fraternal, senti que fora
feliz e que ainda o era. Para que tudo ficasse consumado, para
que me sentisse menos só, faltava-me desejar que houvesse
muito público no dia da minha execução e que os espectadores
me recebessem com gritos de ódio.

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS

de LIVROS DO BRASIL LDA.

COLECÇÃO MINIATURAS

Um Gosto e Seis Vinténs

CHARLES Strickland, o herói deste livro de Maugham,
adquire a nossos olhos a significação de um símbolo: ele
encarna a exemplar lição que recebemos da vida de aqueles que,
abandonando todos os favores e ócio duma existência fácil, se
entregam á obcessiva ideia e ao angustiante enigma da criação
artística. Eis aqui um homem que tudo subordinará á sua mais

funda e exclusiva necessidade: o de transformar em arte aquilo que sente e pensa e vive, o de criar por si próprio e através de si um universo original e à parte, o de se deixar guiar apenas pelo seu projecto de vida, a realização dos seus sonhos, o mundo da sua visão interior.

Maugham, inspirando-se ou não na biografia do famoso pintor francês Paul Gauguin, deu-nos um livro apaixonante, dum arrebatado e áspero lirismo. Um GosTo e Seis VinTens enfileira, sem dúvida, ao lado das obras mais fortes e humanas deste escritor para quem a vida não tem limites na surpreza, na aventura, numa constante e ininterrupta fonte de criação.

Scannerização e Arranjo

Amadora, Junho de 2000